

DM  
SARA/M. 1

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

*Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica*

*Edição 1997/1999*

**Dissertação de mestrado**


# *A Fome Necessária*

*Maria Leonor Tavares Saraiva*

n.º 1110

**Orientador: Prof. Doutor Eduardo Sá**

987

 ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Centro de Documentação

Registo: 14435

Data: 28.10.2003

Tel.: 21 881 17 50 • [bib@ispa.ispa.pt](mailto:bib@ispa.ispa.pt)

*" Em geral, uma perturbação alimentar não é uma fase e não é necessariamente um sinal de loucura. É um desespero, sem dúvida, não só para a família da pessoa que dela sofre, mas também para a própria pessoa. Ao nível mais básico, é um feixe de inúmeras contradições: um desejo de poder que nos despoja de todo o poder. Um gesto de força que anula em nós toda a força. Uma ânsia de provar que não precisamos de nada, que não temos apetites humanos, que se vira contra si mesma e se torna uma **necessidade premente da própria fome**. É uma tentativa de encontrar uma identidade, que acaba por nos privar de qualquer noção de nós mesmas. (...) É a coisa que pensamos que nos mantém a salvo, vivas, contidas-e, no final, como é evidente, descobrimos que tem precisamente o efeito oposto."*

(M: Hornbacher, 1999)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Doutor Eduardo Sá pela sua amável orientação, compreensão e apoio.

À Doutora Antónia Carreiras pela relação (d)e confiança. Obrigado por acreditar em mim.

À Susana pela amizade, críticas e sugestões.

À Helena pela dedicação, disponibilidade e incentivo.

À Dr<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. João Fagundes e Dr<sup>a</sup>. Marta Valongo do Hospital de St<sup>a</sup>. Maria. Sem elas este trabalho não teria chegado ao fim.

À Sara e à Sofia pela colaboração e paciência.

Ao José Alberto, José João e José Nuno. Eles sabem porquê.

<b>ÍNDICE</b>	<b>Pág.</b>
<b>I. Introdução.....</b>	<b>4</b>
<b>II.Desenvolvimento Teórico.....</b>	<b>7</b>
<b>1. Anorexia Nervosa.....</b>	<b>7</b>
1.1. Evolução Histórica do Conceito.....	7
1.2..O que a define e caracteriza.....	10
<b>2. O Processo Adolescente.....</b>	<b>16</b>
2.1.O que o caracteriza.....	16
2.2.Identidade/ Identificação.....	22
<b>3. O Corpo.....</b>	<b>37</b>
3.1.Imagem Corporal.....	37
3.2.Suas representações.....	42
<b>4.O Corpo da Adolescente com Anorexia.....</b>	<b>44.</b>
<b>III. Metodologia</b>	
1. Formulação do Problema.....	49
2. Sujeitos.....	53
3. Instrumento.....	54
3.1. A prova Rorschach.....	54
3.2. Os cartões Rorschach.....	58

3.3. Análise Cartão a Cartão.....	60
3.4. Análise das respostas Rorschach.....	71
* Modos de Aprecensão.....	71
* Determinantes.....	74
* Conteúdos.....	79
4. Procedimentos.....	82
<b>IV. Análise dos Protocolos.....</b>	<b>86.</b>
Protocolo da <u>lpa</u> .....	86
Protocolo da <u>lta</u> .....	96
<b>V. Síntese global dos protocolos.....</b>	<b>106</b>
Protocolo da <u>lpa</u> .....	106
Protocolo da <u>lta</u> .....	108
<b>VI. Discussão.....</b>	<b>110</b>
<b>VII. Conclusão.....</b>	<b>129</b>
<b>VIII. Bibliografia.....</b>	<b>134</b>

## I. INTRODUÇÃO

A **Anorexia Nervosa** ocorre essencialmente na adolescência, período de mudança no qual são impostas alterações corporais e respectiva activação pulsional, induzindo assim questões e conflitos à anterior organização: perda de identificações, luto das imagens parentais idealizadas, reactivação do conflito edipiano. Surge assim a necessidade de reorganização do ideal do Eu e uma procura de identidade.

Ao investigar a **Adolescência** foi necessário abordar a primeira infância com base nas relações de objecto precoces de forma a perceber a importância da descoberta de novos afectos, novas relações, suas problemáticas e dificuldades.

As transformações morfológicas que ocorrem na puberdade assim como a erupção da maturidade sexual põem em causa a imagem do corpo

construída progressivamente ao longo da infância.

O **corpo** da adolescente, que cresceu e adquiriu formas femininas causa-lhe um profundo mau estar por ter abandonado o seu contorno infantil.

Surge uma nova apetência objectal, resultado da sexualização da relação com o outro, que exige uma nova atitude face ao corpo.

A atitude da adolescente anoréctica traduz assim a incapacidade de assunção de um papel sexual genital e de integração das transformações pubertárias. É seu desejo reencontrar “uma imagem do corpo de onde seja banida para sempre toda a referência à identidade sexuada, para promover e exhibir qualidades morais e intelectuais de um corpo perfeitamente dominado que atesta o seu poder sobre ela mesma e toma um significado heróico” ( Brusset, 1977, pp. 206 ).

É desta vivência feita de angústias, sofrimentos e perdas que iremos tratar ao longo do nosso trabalho.

Começamos por dedicar um primeiro capítulo à Anorexia Nervosa em que através da sua história, chegaremos ao conceito propriamente dito.

E como a Anorexia Nervosa está intimamente ligada ao Processo Adolescente, é deste que iremos tratar num segundo capítulo.

No terceiro abordaremos o tema do Corpo: Imagem Corporal e suas Representações.

Para finalizar o desenvolvimento teórico vamos num quarto e último capítulo edificar as pontes que irão unir estes três aspectos já que na

Anorexia Nervosa está quase sempre implícito o Processo Adolescente e por sua vez este remete para o conceito de modificação corporal e daí intitular-se: **O Corpo da Adolescente com Anorexia.**

Na segunda parte deste trabalho será realizada uma abordagem diferente da análise do Rorschach, prova que vamos utilizar, na tentativa de aceder a novas possibilidades interpretativas e compreensivas do nosso objecto de estudo, que se relaciona com O Corpo da Adolescente Anorética.

Através dessa análise iremos procurar delimitar uma forma de estudo que permita evidenciar o processo identificatório no período da adolescência, privilegiando os aspectos relacionados com a representação do corpo e identidade sexual.

Tratar-se-à de um estudo exploratório. Não se pretendem obter respostas definitivas com este nosso trabalho. Haverá a procura de uma metodologia apoiada em determinados pressupostos teóricos. Procurar-se-à explorar um tema, compreender uma dada problemática. Daí a pertinência da utilização da prova Rorschach, instrumento que nos parece privilegiado para o que se pretende abordar. Mais do que manipular variáveis, pretende-se compreender situações, vivências e conflitos internos. Não partindo de hipóteses iremos reflectir sobre o que os dados revelarem, para só depois tentar aceder a esse ser que é a Adolescente Anorética.

## II. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

### 1. A Anorexia Nervosa

*“Sentia-me como se fosse enlouquecer. A minha cabeça nunca tinha sossego. O sossego é um estado intermédio e implica um equilíbrio entre o ruído e o silêncio, entre...-o puro silêncio, não semelhante ao silêncio do sono, mas ao silêncio da morte - e o ruído diabólico dos meus próprios pensamentos e das vozes do mundo.*

*E o sibilar agudo de uma voz que começa de mansinho, como que sob camadas de musgo, ou de carne, e gradualmente se ía tornando tão estridente que abafava tudo o resto: **Emagrecer**, dizia ela. **Tens de emagrecer**”.* (M. Hornbacher, 1999, p.86).

#### 1.1. A Evolução Histórica do Conceito

A primeira publicação que se conhece sobre um caso de Anorexia Nervosa é da autoria de Porta (cit por Luban-Plazza & Poldinger , 1979) médico napolitano do séc. XVI e intitula-se “ considerações sobre o caso da jovem della Magna que viveu dois anos sem comer nem beber “.

Conforme refere I. do Carmo ( 1997 ), um autor Inglês do séc. XIX,

Hammond publicou um livro sobre “raparigas que jejuam”, onde relata o caso ocorrido cerca de 1225 em Leichester com uma freira que declarava nada ter ingerido durante sete anos, excepto a eucaristia.

Catarina de Sienna, séc. XIV, viveu desde a adolescência comendo pequenas porções de comida, vomitando quando pensava que ingeria demais e acabou por morrer em consequência dessa situação. Também no séc. XIV, viveu uma santa, Lidúne de Schiedam, que é descrita como ingerindo apenas diariamente um pouco de maçã.

No séc. XVI aparece a descrição do caso de uma jovem de 10 anos, Margaret Weiss, que um médico da época descreve como não tendo comido durante três anos, continuando a ter a mesma actividade das outras crianças. E em 1611 o conhecido médico italiano Fabricius descreveu o caso de uma jovem de 13 anos que não comia há três anos, estava esquelética mas brincava e dançava.

Foi no entanto Richard Morton ( 1694 ) quem primeiro descreveu cientificamente, de forma pormenorizada, um quadro clínico de anorexia mental. Ele observou alguns casos de adolescentes que sofriam daquilo a que ele chamou de “atrofia nervosa ou consumpção” e cujas características eram basicamente a diminuição de apetite, a aparência pálida e esquelética, amenorreia, hiperactividade e obstipação.

Morton descreve a doente como tendo “violentas paixões do espírito” (in Carmo, I. 1997).

Já no séc. XIX a Anorexia Nervosa foi diagnosticada como uma forma

de histeria por Laségue; estabeleceu um quadro clínico em que incluía a tríade sintomática: anorexia por atitude distorcida face à alimentação, amenorreia de origem psicogénea e emagrecimento, sempre secundário à anorexia . Laségue verifica não haver uma verdadeira falta de apetite, mas sim uma recusa alimentar deliberada, consequência do prazer em sentir fome; “Gradualmente a anoréctica reduz a alimentação. Ao fim de algumas semanas já não há uma suposta repugnância temporária, mas uma recusa de comida que pode ser prolongada indefinidamente” (Laségue, cit in Carmo, I. 1994, pp. 35-36).

Ao longo do séc. XX as concepções acerca da Anorexia Nervosa têm oscilado entre diferentes interpretações. Em 1914 Simmonds atribui à Anorexia Nervosa uma origem endócrina como o resultado de uma deficiência na glândula pituitária fazendo com que o enfoque deixasse de ser posto em factores psicológicos para passar para os factores físicos.

A partir da década de 60 voltou-se a abordar a Anorexia Nervosa sob o ponto de vista psicológico nomeadamente através de uma abordagem psicodinâmica. Destacam-se assim duas correntes principais na classificação desta doença (Bruch, 1985), uma dando relevância à questão oral e considerando a Anorexia Nervosa como resultado de conflitos sexuais mal resolvidos, em que a recusa do alimento dever-se-ia a fantasias de fecundação oral, e a outra pondo acento em perturbações básicas da personalidade, do funcionamento do ego e nas relações interpessoais em que a problemática da alimentação seria delas reflexo.

Actualmente a Anorexia Nervosa é mais uma vez classificada como uma doença mental, mais especificamente, uma perturbação alimentar sem doença física na origem da perda de peso, surgindo na sua abordagem enfoques comportamentais, psicanalíticos e sistémicos.

## **1.2. O que a define e caracteriza**

Mais do que qualquer outra afecção psiquiátrica, e devido à sua expressão somática, a Anorexia Nervosa foi objecto de tentativas de compreensão fisiológicas e psicopatológicas muitas vezes caricaturais e directamente dependentes da moda, como modo explicativo, não sem consequências sobre as aproximações terapêuticas.

“O que melhor especifica a Anorexia Nervosa é a associação de uma restrição alimentar metódica com um emagrecimento que não preocupa o sujeito, uma amenorreia e uma hiperactividade associada às mudanças de carácter e às perturbações da percepção do corpo”. ( Brusset, B. 1985, p.473).

O quadro clínico clássico é o de uma jovem adolescente habitualmente com idade compreendida entre os 13 e os 18 anos que decide começar a fazer dieta acabando por restringir a alimentação a quantidades mínimas e francamente insuficientes para o organismo. Em geral esta decisão inicial é aceite pela família. Um factor externo é por vezes posto em primeiro lugar: perda afectiva, doença de um familiar, ou

qualquer outra justificação. Este factor arrisca-se assim a servir de écran mantendo no exterior da adolescente e nas interacções pessoais a origem suposta das perturbações. Ainda que a restrição alimentar se agrave, a perda de peso é sempre julgada insuficiente pela adolescente. O "período de estado" instala-se surgindo os três sintomas: anorexia, emagrecimento e amenorreia. (Marcelli & Braconnier, 1984. pp. 134).

A necessidade de inferir com mais precisão e com maior rigor levou a fixarem-se determinados critérios necessários para o diagnóstico deste síndrome.

Assim, a definição mais recente de Anorexia Nervosa é a do DSM-IV:

**Restrição voluntária da alimentação** que pode, nas fases mais agudas, chegar à ausência de ingestão de sólidos e líquidos. Pode tomar vários aspectos: escolhas preferenciais de determinados alimentos com exclusão de outros, bizzarrias alimentares e condutas de dissimulação.

**Emagrecimento acentuado** com recusa em manter o peso corporal no mínimo do normal para a idade e altura, isto é, perda ponderal levando a um peso abaixo de 15% do esperado.

**Atitude peculiar relativamente ao comportamento alimentar** com medo intenso de aumentar de peso ou de ficar gordo, mesmo tendo peso abaixo do normal, acompanhado pelo prazer no processo de emagrecimento.

**Distorção da imagem corporal** comportando-se como se houvesse uma fobia do seu próprio corpo, evitando-o como uma vivência persecutória.

A pessoa queixa-se que se sente gorda e acredita que zonas do corpo são demasiado gordas mesmo quando obviamente têm um peso abaixo do normal.

**Amenorreia persistente**, quando ocorre no sexo feminino. Ausência de, pelo menos, três ciclos menstruais consecutivos, quando seria de esperar a sua ocorrência.

**Ausência de doença médica** conhecida que possa justificar tais sintomas.

Distinguem-se dois tipos de Anorexia:

- **Tipo Restritivo**: durante o episódio de Anorexia Nervosa o indivíduo não apresenta comportamentos habituais de voracidade alimentar compulsiva ou purgativa (p. ex. vômito auto-induzido, abuso de laxantes ou diuréticos).
- **Tipo Bulímico**: durante o episódio de Anorexia Nervosa o indivíduo apresenta comportamentos habituais de voracidade alimentar compulsiva ou purgativa (vômitos auto-induzidos, abuso de laxantes ou diuréticos).

O quadro sintomático instala-se frequentemente de forma progressiva e metódica, resultante da aplicação de um regime de emagrecimento cada vez mais selectivo e restritivo.

Posteriormente na fase de "atitude anorética", assiste-se a uma

recusa efectiva da alimentação e a uma indiferença e negação perante o emagrecimento. ( Dias Cordeiro, 1986 ).

Se de início a adolescente reconhece as suas restrições alimentares, posteriormente passa a negar a realidade dos factos. " O que de início parecia ser um problema pessoal apresenta-se como um problema inter-relacional, o que parecia ter, por vezes, um sentido racional é mais tarde percebido pela família como um mecanismo de auto destruição". (Ajuriaguerra, 1976. P.186).

Embora não incluídos nos critérios de classificação, nomeadamente do DSM-IV, existem outros aspectos clínicos característicos da Anorexia Nervosa, sendo para a maioria dos autores essenciais para o reconhecimento da doença. Referimo-nos assim à hiperactividade intelectual e física e ao desinvestimento de toda a forma de sexualidade genital.

A **hiperactividade** é reconhecível, quer em actividades físicas, quer intelectuais. As actividades físicas são sistematizadas e organizadas com o objectivo de atingir performances elevadas. As potencialidades lúdicas dessas actividades são, para a Anorética, desconhecidas e menosprezadas. "As actividades tomam um aspecto de competição e são, antes de mais, uma procura de domínio suplementar sobre o corpo. As actividades intelectuais são de natureza semelhante: a competição e o

domínio ocupam aí um lugar privilegiado. O sucesso escolar é procurado por ele mesmo, sem tomar um prazer real no funcionamento intelectual” (Marcelli & Braconnier, 1984, p. 134).

A hiperactividade e o intelectualismo com a sua conotação de poder e perfeição permitem assim um distanciamento em relação às satisfações ligadas à sexualidade e fisiológicas como o sono, a fome e a fadiga.

No que se refere à **sexualidade** esta é “denegada, desinvestida ou vivida muito superficialmente sofrendo um recalçamento massivo, tanto nas suas componentes psicológicas, como na sua dimensão de desejo”(Jeammet, P., 1984, p.4).

O sentido que aqui damos à sexualidade não é só enquanto comportamento ou como transformação correspondente ao crescimento anatómico, mas sobretudo a uma diferenciação psicológica do indivíduo, que compreende o movimento de separação dos objectos primitivos em direcção ao investimento no objecto externo, distinto, implicando igualmente o reconhecimento dos objectos iguais ou diferentes, numa lógica de diferenciação estável.

Nesta lógica, destacamos aqui a conceptualização de E. e J. Kestenberg e S. Decobert para os quais “a sensação de fome é nas anoréticas erotizada de tal maneira que, em vez de uma tensão penosa que o sujeito tende a fazer cessar, ela é uma excitação, origem de prazer masoquista que o sujeito tende a atingir. Se a anorética não come, isso não

sucedem, porque ela não tenha fome, mas sim por ela ter fome". (Kestemberg e Coll, 1972, p.158).

Estes autores salientam ainda que este prazer de excitação funciona como um substituto do orgasmo e referem igualmente que na Anorexia Nervosa "existe uma verdadeira apetência para a sensação de fome". Falam de uma "psychose froide", organização psíquica existente na Anorexia Nervosa, que consideram próxima do autismo, fundamentada nesse prazer que a anorética retira da sua própria fome e no funcionamento independente do corpo, da motricidade e do pensamento.

Os autores referem uma falha na constituição do objecto interno, em que o sujeito fica dependente do objecto externo para a regulação dos seus prazeres e tensões internas e da sua auto-estima.

Ainda J. e E. Kestemberg e S. Decobert estabelecem uma correlação entre a hipertrofia do Ideal do Eu, a não diferenciação dos ímagos parentais e a ausência de especificidade das zonas erógenas. A reactivação do conflito edipiano na adolescência leva a uma regressão vertiginosa pela impossibilidade de enfrentar a angústia de castração, pois a organização do Eu e dos ímagos está mal diferenciada. O recurso frequente à idealização é o resultado da invasão do Eu pelo Ideal do Eu, permitindo compreender de onde as Anoréticas tiram a força que as leva a ignorar a morte. Salientam também a ausência de especificidade das zonas erógenas que são separadas de um corpo que é vivido no seu conjunto como objecto e sujeito do objecto, sob a forma de uma imagem idealizada.

## 2.0 Processo Adolescente

### 2.1. O que o caracteriza

*“Tenho em mim dúvidas imensas*

*manchadas todas de aflições intensas...*

*Cá dentro, alternadamente morro e ressuscito”*

(J. Sena, 1936/38, p.59)

De acordo com o nosso objectivo interessa aprofundar o processo adolescente, a sua natureza e a sua importância no desenvolvimento do sujeito.

Na adolescência ocorrem importantes transformações e mudanças. O adolescente vê-se confrontado com a emergência de uma nova realidade que obriga a uma busca e profunda reformulação da imagem de si e dos outros.

E.Marques ( 1991 ) confere à adolescência o estatuto de período do desenvolvimento marcado por alterações e transformações importantes e onde há a necessidade de negociar tendências diferentes, opostas e contraditórias.

A autora considera ainda que nestes processos é mobilizada uma enorme quantidade de energia, sendo o mundo interno e externo

vivenciados com enorme intensidade por parte do adolescente, tornando muitas vezes instáveis e precárias as capacidades de adaptação.

Segundo Braconnier ( 1985 ) o sentido da crise da adolescência está relacionado com uma procura de soluções para um conflito de natureza interna. " E é aqui que se impõe uma atitude da mãe suficientemente boa de Winnicott já que essa atitude - reacção e acção - poderá fundar, através daquilo que o adolescente conseguir identificar, experienciar e integrar da relação com os outros, novas características da relação " ( in E. Marques, 1994).

Na adolescência, enquanto dura uma certa inconsistência da identidade sexual podemos assistir a fenómenos de re-emergência edipiana. Neste período de desenvolvimento, as soluções do conflito e dilemas do complexo de Édipo são novamente transpostas para a modalidade genital desta vez procurando acomodações dentro da esfera da heterossexualidade não incestuosa. ( Blos, 1985).

Para N. Jeammet (1989) "a identidade constroi-se a partir de conflitos, todos eles originados por uma relação com um outro que faz viver simultaneamente sentimentos de amor e de ódio - um outro que todavia, nos primórdios da vida não pode ser odiado - o ódio ameaça de destruição o objecto (ameaça fantasmática) que ainda não se encontra diferenciado de si; e vai ser então preciso guardar bem esse outro, para não o perdermos,

para não nos perdermos com ele...

Todo o trabalho edipiano, trabalho essencialmente de individuação, será um trabalho de ligação do ódio a um amor vivido como o mais forte; ele permitirá encontrar uma distância justa reactivamente ao outro e a si mesmo numa constituição de fronteiras vivas, deixando entre cada um, pela renúncia ou pela aceitação da castração (na aceitação da perda têm origem recuperações ), espaços de ausência nos quais é possível aprender o desejo da união, aprender a deixar o outro, ser outro" (p.35).

Assim o Édipo assume um valor de organizador do psíquico, na sua dimensão de conflito a resolver. Um trabalho de elaboração do complexo de castração impõe-se, sob a forma de um luto efectivo necessário, de renunciar a tomar o lugar imaginário de um Outro ( figura parental do mesmo sexo ), e de encontrar o seu próprio. Na adolescência esta realidade psíquica assume um papel fulcral na construção da identidade subjectiva e simultaneamente nas identificações posteriores.

A. Birraux ( 1990 ) considera que a emergência da pulsão sexual, leva a adolescente à necessidade de pôr em causa e a renunciar as suas representações anteriores. Estando a conclusão dos processos identificatórios da infância condicionada pela confrontação dos objectos edipianos.

Na adolescência observamos claramente uma busca activa de novos objectos. Procura que diz respeito ao abandono e ao (re)encontro do objecto. Este processo encontra eco no Eu e produz mudanças que influenciam tanto as representações objectais existentes como a representação de si.

A adolescente afasta-se definitivamente dos objectos de amor infantis. A finalidade dessa separação interior a realizar abala a vida emocional do adolescente e abre horizontes desconhecidos, cria esperanças e medos.

E. Marques ( 1991 ) salienta o facto de existirem duas tendências nas teorias e práticas psicológicas em relação à adolescência . Umam centram-se nas dimensões externas da adolescência , conferindo a este período o carácter de "crise". Outras fazem uma apreciação das manifestações intrapsíquicas deste período valorizando a ideia de "ruptura" em relação à infância, da perda de continuidade, de perda de coerência psíquica. Segundo a autora estas concepções não evidenciam, no entanto, o espaço real em que se vive e como se vive o adolescente nos diferentes períodos/processos que atravessa.

Para A. Birraux ( 1983 ), o adolescente é solicitado por forças internas, novas e desconhecidas, que inundam o seu interior, em lugar de as conter. As defesas devem adaptar-se a esta dinâmica fantástica, mas

elas enfrentam com dificuldade e parecem muitas vezes inapropriadas ou precárias. O psíquico assume um rearranjo interno que se impõe: alargamento do espaço próprio e a nova escolha do objecto.

Segundo a autora o mundo interno do adolescente não existe " por aquilo que ele foi e não existe ainda ao olhar daquilo que será" (p. 136). Aquilo que o adolescente faz é uma mudança de estado na passagem de uma internalidade que pertence ao passado, a uma internalidade conquistada, sob a complementaridade dos sexos.

Uma definição que se aplica ao nosso ponto de vista, nomeadamente aos aspectos psicológicos e psicopatológicos da adolescência , é a de G. Bachelard (cit. in A. Braconnier): " Uma explicitação científica não consiste em passar da confusão à teoria simples, mas da confusão para a complexidade compreensível" (p.8).

Assim, se o termo crise ou ruptura podem ser utilizados e servir de referência aos aspectos " barulhentos" das transformações que caracterizam o processo adolescente, têm que analisar cada dificuldade com base nas várias possibilidades e considerar o conjunto dos diferentes aspectos do funcionamento psíquico do sujeito em questão ( A. Braconnier, 1985 ).

Independentemente das posições teóricas assumidas, é mais ou menos unanime que o processo adolescente vai pôr à prova a solidez das

suas aquisições anteriores e fazer ressurgir pontos de fragilidade. A necessidade de um afastamento face às figuras parentais e de autonomização precipita o processo de interiorização, com risco de poder bloquear e interrogar a robustez dos fundamentos narcísicos do adolescente, meios que este dispõe para assegurar a diferenciação e os seus limites próprios ( P. Jeammet, 1994).

## 2.2. Identidade / Identificação

*“A nossa história começa quando começamos a existir no sonho de alguém. Somos quem somos porque condensamos tudo o que vivemos, o que viveram por nós, o que viveram para nós, com quem vive o nosso interior.*

*Identificarmo-nos é descobrirmo-nos em nós a partir dos outros, muito mais do que sermos como alguém”* (Eduardo Sá, 1995, p.38).

“A formação da identidade principia quando acabam as identificações do passado” (1956, Erikson cit in D. Cordeiro, 1988, p.23).

**Laplanche e Pontalis** (1990,p.197) definem identificação como um “processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”.

De acordo com os autores, o conceito de identificação assumiu progressivamente na obra de **Freud** o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pela qual o indivíduo humano se constitui.

De facto, a identificação foi desde muito cedo invocada por Freud,

nos "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" (1905), principalmente a propósito dos sintomas histéricos, explicando-os pela existência de um elemento inconsciente comum às pessoas em causa: "A identificação não é uma simples imitação, mas apropriação fundada sobre a pretensão de uma etiologia comum; ela exprime um *"tudo como se"* e relaciona-se com um elemento comum que permanece no inconsciente" (Freud,1905, cit. In Laplanche e Pontalis,1990, p.198).

O conceito de identificação é, ulteriormente, enriquecido por diversas contribuições.

A noção de incorporação oral é salientada nos anos 1912-1915 em *Totem e Tabu* e *Luto e Melancolia*, respectivamente. Freud mostra nomeadamente, o seu papel na melancolia, em que o indivíduo se identifica no modo oral com o objecto perdido, por regressão à relação de objecto característica da fase oral.

Em *Sobre o Narcisismo:Uma introdução* (1914), é posta em relevo a noção de narcisismo. Freud esboça a dialética que liga a escolha narcísica do objecto (o indivíduo é escolhido segundo o modelo da própria pessoa) à identificação (o indivíduo é constituído segundo o modelo dos seus objectos anteriores: pais e meio social envolvente)

No entanto, é no artigo *Psicologia do Grupo e Análise do Ego* (1921), que o conceito de identificação é ampliado e referido como sendo "a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa". Ela

desempenha um papel na pré-história do Complexo de Édipo, na medida em que os investimentos nos pais, simultaneamente objectos de amor e rivalidade, são substituídos por identificações.

**Freud** acaba por distinguir três modalidades de identificação:

1. Como forma original de ligação com um objecto. Trata-se aqui de uma identificação pré-edipiana marcada pela relação canibalesca e ambivalente com o objecto.
2. De forma regressiva, torna-se um substituto de uma escolha de objecto libidinal, pela introjecção do objecto no ego.
3. Na ausência de qualquer investimento sexual no outro, o indivíduo pode todavia identificar-se com ele, pela percepção de elementos comuns.

Na Teoria da Segunda Tópica, em *O Ego e o Id* (1923), surge a teorização sobre a formação do Super-Ego e do Ideal do Ego a partir da identificação, assinalada como um processo fundamental na estruturação do aparelho psíquico. O Super-Ego é o herdeiro do Complexo de Édipo e resulta da introjecção das exigências e interditos das figuras parentais; o Ideal do Ego tem a sua origem na identificação primária e está ligado a uma vertente mais narcísica da idealização dos pais.

Com as *novas Conferências Introdutórias sobre a psicanálise* (1932), Freud clarifica o conceito de identificação, explicitando-o como o processo

em que o Ego se assemelha a outro Ego, passando o primeiro Ego a comportar-se como o segundo, imitando-o em determinados aspectos e assimilando-o parcialmente dentro de si. Refere ainda que, identificação e escolha de objecto são processos independentes, sendo no entanto possível a identificação com um objecto sexual que foi tomado como modelo, levando à modificação do Ego de acordo com esse modelo.

As mudanças significativas do conteúdo e qualidade do Ideal do Eu e das funções do Super Eu durante a adolescência são o resultado do reforço e da maior autonomia do Eu. Este adquire uma maior liberdade de iniciativa, de escolha e de pensamento em relação às influências externas e às pressões arcaicas do Id e do Super - Eu.

Posteriormente a Freud o conceito de identificação evoluiu, acompanhando a evolução do pensamento e da prática psicanalítica.

Assim para **A. Dias** (1988), a identificação é o processo e o produto, aspectos indissociáveis que espelham a interacção dos mecanismos psicológicos de externalização (projectão) e internalização (introjecção), e que consubstancia a individualidade e subjectividade de cada sujeito, nos seus comportamentos, motivações, atitudes e valores.

A compreensão integral desta definição implica perceber conceitos como o de identificação adesiva, identificação projectiva e identificação introjectiva.

O conceito de Identificação adesiva foi proposto por **E. Bick** (1968, cit.in A. Dias,1988), para descrever o tipo de identificação utilizado por certos doentes regressivos com um espaço interno frágil e sem objectos adequados para projecções estáveis. Assim as projecções identificatórias não penetravam dentro do objecto, ficando à superfície do mesmo, tipo um pedaço de pele (pele envolvente), tornando-se desse modo uma parte do objecto. Imitam a aparência externa e o comportamento do mesmo, aparentando-se, assim, às personalidades "como se".

A identificação projectiva foi inicialmente descrita por **M. Klein** (1955, cit. In A. Dias,1988), como um fenómeno de identificação muito primitivo, característico do periodo de funcionamento psicológico em que há indiferenciação entre o Eu e os objectos. Seria uma fantasia onnipotente, em que, através de mecanismos de dissociação e projecção, partes do self ameaçadoras são colocadas no interior dos objectos externos, libertando o aparelho psíquico dos aspectos projectados, que passariam a fazer parte do objecto externo e, assim, susceptíveis de ser controlados.

A identificação introjectiva funda-se na internalização e, por isso, é o resultado das internalizações que se dirigem ao núcleo do self e são assimiladas por este. Tomam assim parte activa na constituição do Eu e encontram-se na base da identidade do indivíduo. A experiência de identidade constroi-se através de uma sequência contínua de identificações

introjectivas. A mãe, mais propriamente o seio, é o primeiro objecto dos processos introjectivos. A internalização do seio bom e a sua correspondente identificação introjectiva irá cristalizar de modo estável a formação do Eu.

Segundo **C. Matos** (1981), a identificação projectiva é uma identificação narcísica, em que o modelo é o próprio; a identificação introjectiva é uma identificação objectal, em que o modelo é o objecto: possibilita a percepção do objecto como independente e autónomo, havendo uma discriminação entre o que é próprio e o que é do outro.

O autor (1978) define identificação como “movimento construtivo da personalidade, consistindo numa transformação do próprio por apropriação das características do outro (objecto de identificação)” p.867. Refere ainda que, a identificação é um processo que se realiza a dois níveis:

- Ao nível do Eu, possibilitando a autonomia e independência do indivíduo. É designada por identificação primária, processando-se em termos de relação binária, pré-genital e é conduzida pelo princípio do prazer e pelo sentimento de onnipotência. Trata-se de um processo predominantemente expansivo, que utiliza um grande investimento do próprio. Em que o modelo é utilizado mais como fonte de aquisições do que como objecto de investimento afectivo. Daí também designar-se por identificação narcísica.
- Ao nível do Super-Eu, por interiorização da lei social e construção

do sistema de contenção dos impulsos, do ajustamento da satisfação, da neutralização da energia pulsional e da sublimação das pulsões. É a identificação secundária, por renúncia à materialização dos desejos edipianos, e construção no interior do indivíduo, de uma instância crítica e directiva: Super-Eu / Ideal do Eu. A identificação secundária é vivida na relação triangular, genital e, através do investimento objectal (identificação libidinal objectal) permite estabelecer a identidade sexual.

**A identificação** é portanto, o processo de construção; **a identidade** (sexual) será o resultado das várias tarefas identificatórias.

**C. Matos** (1996) descreve três processos de identificação que se encontram implicados na génese e construção da identidade sexual, a partir da diferenciação sexual biológica, fruto do código genético do indivíduo:

1. A Identificação Imagoico-Imagética consiste na incorporação-assimilação passiva da identidade atribuída pelo meio. É uma identificação especular, em que o bebé se reconhece na imago/imagem que a mãe lhe transmite, levando à constituição do núcleo primário de identidade que persiste durante toda a vida. É muito importante para a constituição da identidade sexual, pois a identidade de género é, em grande parte fixada pela imago sexuada que a mãe projecta no seu bebé.

2. A Identificação Idiomórfica consiste na identificação e reconhecimento do sujeito, por aprendizagem das suas próprias formas visíveis e comportamentos observados. Predomina entre os 18 e os 30 meses (fase genital precoce), em que a criança constrói a sua identidade sexuada por reconhecimento e integração dos caracteres sexuais externos. Esta identidade sexuada comporta uma auto-imagem estática do corpo sexuada, que precede , no processo evolutivo, a imagem dinâmica e funcional característica da verdadeira identidade sexual.
3. A Identificação Alotriomórfica ou Xenomórfica é a identificação ao modelo. O indivíduo identifica-se ao objecto eleito, objecto amado, admirado e também invejado, ao qual procura assemelhar-se, introjectando atributos seus, reais e/ou imaginados. A identidade sexual organiza-se neste período, entre os 3 e os 6 anos (fase genital infantil), por identificação da criança ao progenitor do mesmo sexo, sobretudo a um nível funcional e de desempenho da cena primitiva ou fantasia da cópula. Esta identificação, processo normal do crescimento psíquico, de aculturação e formação da personalidade, dá-se por assimilação da identidade do outro e proporciona ao indivíduo a identificação à espécie (ser humano), ao género (masculino/feminino) e sexual (desejo de ser homem ou mulher).

Durante a fase de latência, o sujeito treina o papel social da identidade de género e ensaia a orientação sexual; na fase da adolescência é conseguida a competência sexual, consolida-se a identidade sexual e confirma-se a orientação sexual.

Na adolescência assiste-se a uma dissolução das camadas de identidade de origem imagoico-imagética e alotriomórfica- processo de desidentificação, o que permite o reforço da identificação idiomórfica, levando o indivíduo à especificação e consolidação da sua identidade própria.

À medida que a evolução se vai dando, várias identificações se vão processando, modificando, corrigindo e particularizando a identidade que se vai forjando. Se o percurso das identificações corre bem, o modelo eleito vai sendo cada vez mais no sentido do que o indivíduo capta, elabora e apreende de si próprio, para um aperfeiçoamento e diferenciação do que já é, pensa ser ou pretende ser (C. Matos, 1981).

Já para P. Jeammet ( 1991 ) ao referir-se à introjecção como uma das modalidades de identificação diz-nos que nela domina o prazer, o interesse ligado à mudança que autoriza a abertura de fronteiras de um espaço bem delimitado entre sujeito e objecto. O sujeito adopta um sistema de atitudes e um estilo de relação com o qual se identifica, introjectando a qualidade própria, a criação mútua do sujeito / objecto e o seu reencontro.

Desta forma, P. Jeammet considera que a adolescência se apresenta como um revelador e interrogador da qualidade das identificações e, de uma forma mais geral, das interiorizações. Impõe-se uma situação onde é preciso assumir uma identidade sexuada determinada e assegurar uma autonomia em relação aos pais.

Os suportes identificatórios do adolescente são essencialmente interiorizados ou largamente actualizados nas relações concretas com os representantes externos. Estabelece-se uma dialéctica das modalidades individuais infinitas entre suportes externos e recursos internos, do qual depende o equilíbrio adolescente.

É a esses recursos internos que **M.Klein** se refere quando enfatiza a existência de relações de objecto precoces como fundadoras do desenvolvimento psicológico. Para ela não há processos anobjectais. O essencial na teoria das relações de objecto precoces é o vínculo emocional. As pulsões têm sentido enquanto estiverem dirigidas ao objecto. E são estes objectos que metaforicamente representam o "mundo interno".

Na lógica de M.Klein, a relação de objecto chama a atenção para o papel dual da mãe: atender às necessidades vitais do bebé e modelar-lhe o sofrimento psíquico permitindo-lhe a organização mental em torno do objecto interno, que ele irá primeiramente construir de forma parcial e depois, na totalidade .

Desde muito cedo - posição esquizo-paranoide -, o ego tem uma

relação com dois objectos; o seio ideal e o seio persecutório: A fantasia do objecto ideal funde-se com as experiências gratificantes de amor e alimentação recebidos da mãe externa, real e confirmada por essas experiências, ao passo que a fantasia de perseguição funde-se com experiências reais de privação e sofrimento, as quais são atribuídas pelo bebé aos objectos perseguidores.

A segunda posição - posição depressiva - foi definida como a fase de desenvolvimento na qual o bebé reconhece um objecto total e se relaciona com ele (o bebé agora reconhece a mãe); ou seja, ele vai agora relacionar-se cada vez mais não apenas com o seio, mãos, face, olhos da mãe, como objectos separados, mas com ela própria como uma pessoa total que às vezes pode ser boa, às vezes má, presente ou ausente e que pode ser tanto amada como odiada.

Segundo H. Segal (1975), a posição depressiva tem início na fase oral do desenvolvimento quando o amor e a necessidade levam a devorar. A onipotência dos mecanismos introjectivos orais leva à ansiedade de que poderosos impulsos destrutivos destruam não apenas o bom objecto externo mas também o bom objecto introjectado. Esse objecto interno bom forma um núcleo do ego e do mundo interno do bebé, de modo que ele se sente defrontado com a ansiedade de que destrua todo o seu mundo interno” (p.82).

Segundo M. Klein, as duas pulsões, as de vida e as de morte existem de igual modo no recém nascido. A pulsão de morte manifesta-se pelas representações arcaicas de fragmentação do corpo, de absorção de si próprio pelo seio-boca materno e de destruição das partes internas do corpo da mãe, e como, segundo Klein, "nada há de bom que não seja susceptível de conhecer o seu reverso mau" (Anzieu, 1978,p.122) temos para o próprio aleitamento que, ao leite bebido com um sentimento de felicidade, à ternura materna opõe-se nos fantasmas arcaicos do bebé o leite-veneno, um leite negro que corrói e o consome interiormente mesmo que procure arrumar-se no seu ser.

Para Sami-Ali (in Anzieu,1978) esta relação de inclusão mútua funda o primeiro espaço imaginário. Neste universo interior o bebé dispõe normalmente de um recurso que intuitivamente as mães sabem dar (corresponder): a presença da mãe, o seu contacto, as suas palavras, o seu odor, o seu calor, cuidados, manipulações, jogos e certamente o seu leite restauram o bem-estar interior destruído pelo fantasma.

" A experiência que o sujeito tem de um objecto interno dentro de si proporciona-lhe um senso de existência e identidade" ( Hinshelwood, 1992, p.82 ).

Por seu lado, **E. Bick** ( 1968, cit in Houzel, 1991 ) propôs o conceito de pele psíquica para designar uma estrutura limitante do Eu que se constitui nas primeiras relações entre a criança e a sua mãe. Antes da constituição desta pele psíquica não podemos falar de um espaço interno, nem de Eu, nem de objecto. E. Bick descreve assim a constituição dessa pele psíquica: " A tese é que na sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não havendo entre elas nenhuma força de ligação e devem por consequência ser mantidas juntas de uma maneira que é vivida passivamente por elas devido à pele funcionar como uma fronteira. Mas esta função interna de conter as partes do self depende inicialmente da introjecção de um objecto externo sentido como capaz de preencher esta função: mais tarde, a identificação a esta função do objecto substitui o estado não integrado e dá lugar aos fantasmas dos espaços interior e exterior". ( p.56 ).

Já **Bion** ( 1962, cit in Houzel, 1991 ) elabora o modelo da relação continente/conteúdo. Segundo o autor, no início da vida, quando a mãe consegue compreender e incorporar as projecções do bebé ( elementos  $\beta$  primitivos ), ela actua como um contentor , o qual organiza o conteúdo projectado. Esta "função rêverie" da mãe é a capacidade que ela tem de revelar a disposição para receber, conter e modificar as projecções do bebé, dando lugar à formação dos primeiros esboços da função  $\alpha$  e do "aparelho para pensar os pensamentos", isto quando os conteúdos das projecções, já

metabolizados, são reintrojectados pelo lactente.

Uma identificação com um continente bom, capaz de desempenhar a função alfa, afigura-se assim a base de um aparelho mental sadio (Hinshelwood, 1992 ).

A esta capacidade de "rêverie" assemelha-se, na terminologia de **Winnicott**, o "holding" e a "mãe suficientemente boa". No entanto, enquanto a função do "holding" é dar apoio à crença inabalável do bebé na sua própria onipotência, o conceito bioniano de "rêverie" é a tentativa materna de proporcionar uma função continente da compreensão da realidade do bebé, a fim de apoiar a perda de onipotência deste ( Hinshelwood, 1992 ).

Portanto, segundo Winnicott ( 1975 ), desde o nascimento que o sujeito está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objectivamente percebido e aquilo que é subjectivamente concebido e para a resolução deste problema, e para que o bebé consiga progredir no princípio do prazer para o princípio da realidade é necessário que exista uma mãe "suficientemente boa".

Provavelmente o que a infância nos oferece é a possibilidade única de crescermos através da construção de um espaço mental onde o pensamento da realidade se afirma, como desistência do privilégio de

relações fundamentais, relações que se destinam, através de suportes básicos do prazer/desprazer, do amor/ódio, a dar espessura à vida psíquica.

O crescimento psicológico desenrola-se no processo de passagem de níveis primitivos de projecção, introjecção e identificação introjectiva para níveis mais maduros e integrados da Identificação.

Se a **identificação** é a construção da identidade, então ela é o processo e a **identidade** o resultado.

### **3. O Corpo**

*“Existe um saber sobre o corpo, sobre a sexualidade, sobre a castração,... Ora o que é corpo, senão aquilo que nos permite ocupar um lugar único e insubstituível no mundo, onde podemos manifestar a nossa presença atenta e activa perante o outro e perante nós mesmos?”*

(N. Jeammet, 1989).

#### **3.1. A Imagem Corporal**

Quando falamos do corpo mencionamos o corpo anatómico, o conjunto de funções vitais, mas referimo-nos também ao corpo identitário, que faz com que os outros nos conheçam e que nos reconheçamos a nós próprios, ao indício que torna possível a identidade e a identificação.

O corpo é condição necessária e suficiente para que surja o pensamento, não o podemos dissociar da realidade psíquica. Ele é o produto de uma dialéctica individual, uma encruzilhada entre a ordem biológica e a ordem psíquica.

A constituição do sujeito psíquico, capaz de pensar, de adquirir a linguagem, de comunicar deixa-nos antever a génese do orgânico ao psíquico: um material orgânico ( o recém nascido ) que a actividade psíquica maternal e os investimentos afectivos formalizarão até ser capaz de uma

comunicação alargada ( Birraux, 1990 ). Ou seja, estamos perante um esquema que figura a continuidade entre o orgânico e o psíquico e a impossibilidade de explicar a passagem de um para o outro. A diferença da essência entre o corpo e o psiquismo reenvia-nos a uma origem humana qualitativamente dualista.

O corpo não é produto do psiquismo, nem uma materialização concreta deste. Ele é biologicamente e pulsionalmente dado. Torna-se humano pela força das representações que o trabalham. Não é apenas o que se vê, o que se sente, o que sofre ou que se alegra, é também sujeito e objecto de representações .

Cada fase do desenvolvimento representa uma separação continuada do corpo da criança do corpo da mãe.

Para haver um desenvolvimento progressivo e para que a separação continue, a criança tem que encontrar formas para lidar com a ansiedade face à perda das experiências de gratificação das necessidades libidinais permitidas pela mãe.

A **imagem do corpo** idealizada é criada na fantasia, internalizada em cada fase do desenvolvimento lado a lado com a imagem do corpo actual. Esta fantasia da imagem do corpo idealizada permite à criança sentir que o seu corpo ainda contém o potencial para restaurar o estado da fusão onipotente (Lewin, in Laufer, 1984 ) apesar da separação estar a ocorrer.

Podemos definir o trabalho da infância como uma apropriação do corpo, das percepções, das sensações e dos limites que o meio induz, autoriza ou interdita nas primeiras interações.

**Birraux** ( 1990 ) concebe o corpo num complexo trifuncional:

- O corpo das necessidades é o corpo material, tem a ver com as necessidades primárias.
- O corpo do desejo, erógeno ou libidinal, numa lógica da satisfação tendo a inter-relação com a mãe uma outra lógica de satisfação para além das necessidades primárias: assim é o corpo que organiza os fantasmas.
- O corpo do símbolo representa o sujeito identificável que participa nas trocas com o mundo exterior, é actor na cena social; condensa as exigências do corpo das necessidades e do corpo do desejo e submete-as à censura.

A imagem corporal é resultante da vivência corporal e da consciência do Eu, do corpo real e dos fantasmas que lhe associamos, define-se como objecto relacional, mas também pode ser o que é opaco a nós próprios.

Segundo A. Sanglade ( 1972 ), o grande interesse dos trabalhos de **Anzieu** sobre o Eu-pele reside no conceito da imagem do corpo, em que as suas qualidades reenviam para as qualidades dos limites do Eu e à

instauração dos continentes do pensamento.

O Eu tem um carácter unitário e único, no entanto, distinguem-se três aspectos na sua elaboração: o esquema corporal, a imagem do corpo e a representação de si. Esta distinção traduz níveis de integração diferentes. O **esquema corporal** pertence ao domínio do corpo vivido, a **imagem do corpo** situa-se no campo do pré-consciente e estabelece o acesso ao símbolo, e por fim a **representação de si** que constitui o corpo externo do eu psicossomático.

A noção de imagem do corpo, reenvia quer no conjunto quer separadamente à "permanência do Eu, no espaço ( esquema corporal ), no tempo ( imagem do corpo ), na relação com o mundo (representação de si). É este sentimento vital de ser inteiro (não fragmentado) de ser o mesmo (não dissociado) de ser Eu (com uma espessura e uma delimitação corporal e psíquica) diferenciado dos objectos externos". ( A. Sanglade, 1972 ).

A imagem do corpo reenvia para a noção de Eu-Pele desenvolvido por **D. Anzieu** (1985). O Eu-Pele é uma figuração em que o Eu da criança, ao longo das fases precoces do seu desenvolvimento, serviria para se representar ela própria como Eu possuidor de conteúdos específicos, a partir da sua experiência da superfície corporal.

A pele com a sua textura e odor, não é apenas um lugar de trocas entre o corpo da mãe e do bebé, constitui-se também como um envelope continente, uma membrana de fronteira e uma membrana protectora.

A noção de Eu-Pele de Anzieu é muito próxima da noção de primeira pele de **E. Bick**. Para esta autora na relação de objecto precoce a experiência que prevalece é a pele. Esta funciona como uma limitação periférica e a função interna de conter partes do Eu depende da introjecção de um bom objecto externo vivido como capaz de conter as partes do corpo. Se essa função não se constitui de uma forma normal, há uma clivagem, a criança pode formar uma segunda pele que funciona como um substitutivo da função de continente da pele.

A imagem do corpo marca a nossa ligação com o tempo. O sentimento de continuidade temporal é adquirido pelo Eu quando o Eu-pele se constitui como um invólucro suficientemente flexível às interacções com o meio envolvente e continente dos conteúdos psíquicos.

No seu duplo papel a pele expõe o sujeito ao meio, mas ao mesmo tempo também o protege, constituindo-se como um lugar privilegiado de troca e expressão emocional dos indivíduos.

### 3.2. Suas representações

A realidade do corpo é uma realidade mais interna que externa , uma realidade que conjuga os planos de apreensão da funcionalidade pulsional, diversificados, constituídos ao longo do desenvolvimento acumulados como extratos através dos quais a organização é singularmente ordenada pela lógica inconsciente do prazer.

Para **Birraux** ( 1990 ) a realidade do corpo está condensada na noção da “representação do corpo”; a noção de imagem do corpo reenvia ao figurativo, ao visual e portanto ao concreto. De todas as definições que questionam a imagem do corpo, na medida em que ela não se constitui apenas de experiências sensoriais, o conceito de “representação” é mais adequado e dá conta do processo de construção do corpo, no registo consciente e inconsciente e a sua integração no psiquismo.

As “representações do corpo” ligam-se a procedimentos inconscientes. O consciente é apenas uma interface entre o mundo interior, a realidade psíquica e o mundo exterior perceptível e sensível.

**Birraux** esquematiza as “representações do corpo” em três momentos fundamentais:

1. Representações do **corpo físico**, das suas necessidades, do seu esquema.

A criança constrói estas representações a partir de sensações, de

percepções, da motricidade. Ela edifica progressivamente um esquema de capacidades sensório-motoras. Há assim um conhecimento das necessidades e da actividade elementar do corpo, não havendo necessidade de pensar ou reflectir nelas.

## 2. Representações do **corpo libidinal** ou erógeno.

Esta representação constrói-se a partir de experiências de satisfação ou de insatisfação do desejo; organiza-se essencialmente em torno de traços precoces de prazer e desprazer.

É inicialmente auto-erótica, o bebé está numa fusão simbiótica, não se diferencia da mãe que satisfaz as suas necessidades.

Esta realidade edifica-se na sedução primária do bebé pela mãe, que lhe reconhece ou não o direito ao prazer e o reconhece como um ser de desejo, e lhe comunica nos seus pensamentos e representações como um ser sexuado como ela ou diferente dela.

## 3. Representações do **corpo simbólico**.

Trata-se da função relacional do corpo, mediática, a forma como é apreendido do exterior, esta realidade sintetiza a auto-estima, o narcisismo infantil sedimentado, condensa funções de troca e comunicação que traduz o desejo de pertencer à comunidade da espécie.

#### 4. O Corpo da Adolescente com Anorexia

*“O meu corpo, que, para começar, eu achava que não seguia as regras, fez de súbito o que eu sempre receara que fizesse: traiu-me. Sem a minha autorização e sem aviso, começou a «florescer». Acordei uma manhã com um corpo que parecia encher o quarto”. (M. Hornbacker, 1999, p.54).*

Frente ao espelho a adolescente confronta-se com uma imagem que lhe é estranha, desajustada à representação que tem de si.

A infância tem o seu fim e é no corpo que este se revela. É a identidade subjectiva que surge aqui ameaçada e a principal tarefa da jovem nesta altura é a de restabelecer a coesão, a integridade. Isto passa, fundamentalmente pelo investimento narcísico que ela faz de si própria.

O corpo transforma-se independentemente do Eu da adolescente e da sua vontade fazendo-a viver um sentimento de confusão angustiante face a uma realidade concreta que não pode dominar. O corpo torna-se um corpo estranho, principalmente ao nível dos atributos da sexualidade, que não protege mais as fronteiras do Eu e a sua intimidade, ele vem ao contrário, revelar as perturbações escondidas e as falhas secretas. Este corpo dado à adolescente é o representante de um mundo objectal do qual ela receia depender.

Segundo Selvini (1963, cit. In Marcelli e Braconnier, 1984), o corpo é objecto directo de um ódio, é possuído por um mau objecto - uma má mãe,

persecutória, internamente confundida com o corpo.

Na óptica de Brusset (1991), o alimento - o seio, a mãe - pode representar um bom objecto, aquele que permite interiorizar a mãe, tornar as gratificações estáveis e parte integrante de si mesmo. Mas é também possível que o alimento se transforme num mau objecto, despojando a mãe dos seus dons, empobrecendo-a, destruindo-a (destruindo o seu próprio corpo), não permitindo que se dê a incorporação, isto é, está em jogo a ambivalência na relação de objecto.

A primeira fase da evolução libidinal é a fase oral, na qual o prazer está ligado à boca, à alimentação. E é dessa forma que se exprime e se organiza, nessa fase, a relação de objecto. A incorporação constitui-se assim como modo dessa relação. É a boca que fornece a primeira explicação positiva intensa dum contacto diferenciados e duma passagem que conduzirá o bebé às noções de orifício e depois de dentro/fora. Podemos definir incorporação como "um processo pelo qual o indivíduo, de modo mais ou menos fantasmático, faz penetrar e conserva um objecto no interior do seu corpo" (Laplanche, 1990 p.207).

A incorporação liga-se à identificação por ser o protótipo desta nas modalidades em que o processo mental é vivido e simbolizado como uma operação corporal (ingerir, devorar, guardar ou não dentro de si).

O limite corporal é o protótipo de toda e qualquer separação entre um interior e um exterior; o processo de incorporação refere-se realmente a

este invólucro corporal.

A distinção entre interno / externo que começa por ser dada de uma maneira mais física, passa posteriormente a um domínio psíquico, a uma representação.

As marcas psíquicas adquiridas já não se identificam mais com o corpo da ,agora adolescente . A unidade psicossomática está ameaçada. A adolescência , e a metamorfose do corpo no espaço psíquico revela a sua tradução num código genitalizado que vai perturbar o equilíbrio da infância. ( Birraux, A. 1990 ).

Se até ao período da lactência a criança pode evitar, em certa medida a pressão de uma escolha, a puberdade e o decurso da evolução para a adolescência vêm exigir-lha.

Todo este desenvolvimento em direcção à adolescência vem comprometer o "ideal hermafrodita" que podia ser mantido no período de lactência, provocando assim uma nova distribuição do investimento libidinal e permitindo uma exploração narcísica do corpo como objecto sujeito aos olhares e admiração dos outros.

Com a ruptura desse equilíbrio pré-existente a adolescente encontra-se face às seguintes alternativas:

Ou deseja outros objectos transportando a sua falta para outro lugar (o que implica o acesso ao simbólico), investido novos objectos de amor implicados numa lógica de prazer genital à qual se submetem

progressivamente as pulsões parciais;

Ou recusa as suas transformações negando o seu organismo, o que põe em perigo a relação. Assim, o acesso ao simbólico não é elaborado e a relação estabelecida é uma relação com o corpo, onde o outro é excluído, ignorado, pelo menos enquanto objecto de amor.

Parece ser esta segunda alternativa a que corresponde à conduta anorética: "a neutralização dos afectos e do objecto, a denegação massivamente activa ao nível do corpo e das suas necessidades, a distância do viver inconsciente numa racionalização que dissolve as lembranças do passado e apaga o calor do viver actual, a supressão das zonas erógenas na sua especificidade e a negação dos conflitos" ( Birraux, A. 1990, p. 77).

*" De certo modo, aprendi, antes de o conseguir pôr em palavras, que o corpo - o meu corpo - era perigoso. O corpo era escuro e possivelmente húmido, e talvez sujo. "* (M. Hornbacher, 1999, p.25).

O acesso de uma adolescente à feminilidade, a sua capacidade em desinvestir os objectos infantis e em se voltar para novos objectos, entre os quais o seu corpo sexuado implica que haja uma aceitação das mudanças fisiológicas e das pulsões internas que emanam em direcção a outrém.

No entanto as adolescentes anoréticas sentem-se incomodadas e lamentam as transformações pubertárias desejando reencontrar o seu corpo

pré-pubertário, dessexualizado, estilizado, sem seios, sem nádegas, indiferenciado sexualmente. Estas adolescentes encontram-se perdidas perante a erupção de desejos que elas não compreendem e que não podem satisfazer.

Tal como salienta Birraux, a incidência da conduta anorética no período da adolescência representaria uma incapacidade de aceitar e integrar as transformações da puberdade e ao mesmo tempo assumir a sua feminilidade.

A adolescente anorética empenha-se na tentativa de dominar as transformações que lhe escapam ao ver-se confrontada com uma modificação do seu corpo que a marca de uma identidade sexual inelutável, sentida como ferida narcísica, em que o único recurso está na denegação do corpo ou, pelo menos, dos seus aspectos sexuais ( Birraux 1990).

### **III. METODOLOGIA**

#### **1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

Sendo a adolescência um período de consolidação psíquica, cuja maturação compreende a intensificação de processos psíquicos que levam a novas identificações, podemos dizer que esta é a altura da construção, da delimitação dentro/fora, Eu/outro e da maturação da identidade, da unidade, da unicidade.

A formação da identidade é, por isso, um processo que vai derivar da bem sucedida assimilação de todas as identificações "fragmentárias" da infância, o que pressupõe um conteúdo bem sucedido das introjecções precoces.

A mudança física do adolescente, que envolve transformações corporais as quais culminam na aquisição de um corpo sexual adulto vai modificar o quadro psíquico: a imagem de si, a identidade de género, o narcisismo, os ideais traduzem novas representações e adquirem significações que até aí não tinham sido aprendidas senão na linguagem das pulsões parciais.

A adolescência põe em jogo aspectos internos e externos. Os aspectos internos tornam-se fragilizados pela perda de protecção, conferida pela imaturidade funcional e cuja tranquilidade é prejudicada pelos movimentos pulsionais. Os aspectos externos são apenas aparentemente sólidos, uma vez que apesar de um corpo adulto e dos movimentos de independência e de autonomia, o enraizamento profundo dos laços objectais conspira para manter a dependência e o retorno às satisfações regressivas (Chabert, 1990).

Dado que a Anorexia Nervosa incide preferencialmente na população feminina e adolescente, período do desenvolvimento em que é esperável a reorganização e consolidação das identidades- subjectiva e sexual - parece-nos pertinente investigar as particularidades da organização psicológica destas adolescentes. Pretende-se perceber como se organiza a representação de si, relativamente à sua identidade subjectiva e identificações, ou seja, a qualidade das suas bases narcísicas, do trabalho de identificação efectuado durante a infância, e portanto, do grau de autonomia e de individuação adquiridos.

A Anorexia Nervosa representa o retorno à linguagem da acção ( a negação passa ao acto), à comunicação simbólica e à linguagem corporal em que regista somatização dos afectos, conflitos e impulsos.

Segundo Blos (1967), o processo de individuação, na adolescência reflecte mudanças estruturais que acompanham um desinvestimento emocional dos objectos introjectados na infância, implicando um crescimento e maturidade .

Os distúrbios egoicos que surgem na Anorexia Nervosa são sintomáticos de uma falha ao nível da separação /individuação face aos objectos infantis, representando conseqüentemente uma desorganização do próprio processo de individuação.

Situamos o interesse do nosso trabalho à volta da tarefa de reorganização, de rearranjo interno que se verifica face à procura de afirmação de individualidade no adolescente.

Deste modo escolhemos a prova projectiva - Rorschach - para investigar o objectivo do estudo a que nos propomos. Encarada como uma metodologia e não tanto como um simples instrumento de análise pretendemos neste estudo utilizá-la na sua vertente criativa de forma a encontrar categorias de análise que permitam dar conta da vivência do sujeito.

Esta metodologia afirma-se com uma teoria própria que permite, pela elaboração do conteúdo manifesto- presente na dimensão estrutural e sensorial dos cartões- e do conteúdo latente- presente na possibilidade de

cada cartão solicitar representações, fantasmas ou afectos, que se integram num imaginário colectivo, colorido e modelado pelo imaginário individual do sujeito- aceder à problemática que se liga à “representação de si”, na sua vertente mais arcaica ou na sua vertente sexuada simultaneamente, com a evocação da “relação de objecto”. Permite, portanto, dar conta dos níveis de integração adquiridos, quer ao nível da identidade subjectiva, quer ao nível da subtilidade das identificações, bem como ao nível da possibilidade de integração entre estes dois níveis de aquisição.

## 2. SUJEITOS

De acordo com o problema a estudar, e enquadrando-se esta investigação numa óptica de estudo da expressão de adolescentes anoréticas nos protocolos do Rorschach, o número de sujeitos é apenas dois. O objectivo não é encontrar invariâncias em quantidade, mas perceber funcionamentos.

O instrumento utilizado foi aplicado numa só sessão, tendo já sido contactadas Ipa e Ita no sentido de obter a sua disponibilidade e acordo, e de serem informadas acerca do objectivo e funcionamento da prova, na qual realçámos o facto de esta não ter um carácter avaliativo, dado ser uma prova onde se pede para imaginar e conseqüentemente, não existirem respostas boas nem respostas más (respostas certas ou erradas).

Os critérios de selecção dos sujeitos foram o sexo, a idade e o tipo de Anorexia Nervosa diagnosticada. Assim, neste estudo foram utilizados dois protocolos do Rorschach de adolescentes do sexo feminino, ambas com 15 anos de idade e às quais foi diagnosticada Anorexia Nervosa do tipo bilímico.

### **3. INSTRUMENTO**

#### **3.1. A PROVA RORSCHACH**

“A Verdadeira objectividade não existe. Há tantos perigos em acreditar, sem provas convincentes, na relatividade de qualquer conhecimento psicológico, como em confiar ingenuamente na objectividade dos métodos votados, por natureza, a permanecerem inadequados”(1965/77, Guillaumin cit In Marques,E.,1994, p.432).

“O Rorschach, ao qual alguns recusam o qualitativo de perceptivo enquanto outros lhe negam o de projectivo, não é mais considerado como um teste mas como uma técnica clínica...” (Traubenberg, 1984,p.3).

A técnica Rorschach, criada em 1921 por Hermann Rorschach é reconhecida como uma prova suficientemente estudada e aprofundada, para que a sua sensibilidade, fiabilidade e validade sejam factores bastante confirmados, tendo sido aliás demonstrada pelo autor uma aproximação privilegiada da estrutura mental.

A prova Rorschach é constituída por 10 cartões apresentando cada um deles uma mancha conseguida a partir da dobragem de um papel com tinta,

obtendo-se assim a mancha Rorschach, preta, cinzenta e/ou colorida que se espalha simetricamente em redor do eixo central sobre um fundo branco.

Composta assim por estímulos visuais ambíguos apela ao princípio do prazer na medida em que o sujeito é convidado a sonhar, a imaginar.

É devido à sua especificidade que escolhemos esta prova para desenvolver o nosso estudo, já que nos permite aceder ao mundo interno dos sujeitos, através das diversas figuras que possam surgir, resultantes da projecção.

Para a sua própria organização face ao estímulo, o sujeito mobiliza regressivamente ou não. Os seus recursos mais profundos, procurando soluções que possam ser usadas face a uma situação nova que poderá ser experimentada como problemática. Assim, o mecanismo fundamental é a associação, orientada pela própria configuração das manchas que, ao sugerir os contornos vai fazer com que o sujeito aceda ou não aos fantasmas arcaicos e os seus desejos mais profundos.

A prova Rorschach como técnica projectiva permite descobrir e analisar o funcionamento psíquico individual graças ao discurso circunscrito numa situação original e singular. Ela é dirigida para o sujeito em situação projectiva, associado ao seu discurso, isto é, solicita essencialmente os mecanismos da percepção e da projecção. A resposta fornecida pelo sujeito resulta da reactivação de um campo de experiências sensoriais e representativas, mobilizando para isso dois movimentos distintos, em que um se apoia sobre o mundo exterior e o outro sobre o mundo interior.

Para Traubenberg(1983) o Rorschach é um espaço de interações entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado.

A prova Rorschach surge como um espaço por excelência da projecção e usada para fazer a ligação entre o interno e o externo, bem como põe em evidência as questões da identidade.

Permite também a abordagem da imagem do corpo e da representação de si, uma vez que todos os cartões, devido à sua estrutura, "solicitam a projecção do corpo e ao mesmo tempo, os cartões mais especificamente definidos pelas suas simbolizações sexuais, respeitam a bissexualidade psíquica visto que, qualquer que seja a dominância masculina ou feminina, a referência ao outro sexo está sempre presente" (Chabert,1984,p.656). O Rorschach testa a presença de uma imagem do corpo íntegra desde que o sentimento de identidade permita uma distinção entre o sujeito e o objecto, entre o dentro e o fora.

E. Marques (1994) considera ainda a situação de teste como um momento complexo em que se estabelece uma relação inter pessoal, com trocas que interferem nas respostas obtidas para se desenvolver a partir da interacção de duas pessoas- sujeito/examinador. O teste é assim considerado como um momento relacional, embora essa relação seja mediatizada pelo material Rorschach.

A confrontação entre o estímulo e a consigne leva o sujeito a atribuir ao ambíguo um significado e é desta confrontação possível e necessária entre o imaginário e o real, que o sujeito nos dá conta da sua subjectividade.

“Através da projecção podemos entender o processo de dar um sentido, um significado à mancha. Tal sentido é determinado subjectivamente através das passagens que vão da dispersão à integração, da deformação `coloração, da falha ao símbolo, da transformação à criação e simbolização” (Marques, E., 1996, p.39). Só assim nos podemos aperceber das passagens que operam entre as diversas partes do Eu, entre o dentro e o fora, entre o Eu e o objecto, por forma a poder aceder-se a um “novo objecto”.

Para conter estas explicitações, impõe-se uma clarificação sobre as formas e funções, mas também as finalidades do símbolo, isto é, impõe-se o recurso às noções de identificação e simbolização.

“A identificação sobressai como sendo a base da formação do símbolo e da simbolização, já que estes pressupõem a identificação de um objecto com outro, a necessidade de encontrar o familiar no que não o é. Para tal, segundo Ferenczi (1912), essa identificação nasce do esforço em redescobrir em cada objecto os próprios órgãos e o seu funcionamento. Winnicott (1971/75) refere que aceder a novos objectos é reencontrá-los” (Marques, E., 1996, p.42).

### 3.2. Os CARTÕES RORSCHACH

Para corresponder ao objectivo do estudo é importante conhecer o valor perceptivo e simbólico dos 10 cartões que constituem a prova, e ver que possíveis ligações, integrações ou (re)simbolizações, os sujeitos operam.

N. Rausch Traubenberg (1973) defende que a análise dos cartões deve essencialmente deter-se sobre três aspectos fundamentais: características perceptivas, a tonalidade emocional geralmente suscitada e a simbologia latente mais característica.

Relativamente às características perceptivas, a autora chama a atenção para quatro factores determinantes: a forma, a oposição figura/fundo, a côr e o esbatimento. Fala também de várias qualidades complementares que caracterizam as manchas: unidade/disperção, ligação/separação, estabilidade/instabilidade, definição/fluidez, curva/angular, claro/escuro, leve/pesado.

Perante um símbolo com tais características, e com o valor simbólico solicitado, o sujeito desencadeia uma elaboração mental que pode oscilar entre um funcionamento secundário adaptativo, ou um processo de puro reconhecimento perceptivo. A prevalência de uns sobre os outros depende da implicação projectiva, invasão fantasmática, do investimento da

realidade, das defesas usadas, da consciência dos conflitos e das pulsões. A forma como o sujeito reage aos cartões fornece elementos importantes no que concerne aos mecanismos de simbolização.

C. Chabert isola dois aspectos para a análise dos cartões: a dimensão estrutural que engloba a dimensão formal dos cartões e uma dimensão sensorial pela presença das cores.

Relativamente à dimensão estrutural, há em todos os cartões um carácter simétrico que os ordena à volta de um eixo mais ou menos evidente, eixo esse claramente representado nos cartões unitários (I,IV,V,VI,IX). Nos cartões de configuração bilateral, a simetria é mais evidente na repetição em duplicado ou mesmo em espelho:II,III,VII,VIII. O primeiro grupo de cartões reenvia à imagem do corpo humano organizado simetricamente à volta de um eixo; os cartões bilaterais reenviam à representação de relações. Os investimentos realizados pelo sujeito sobre os objectos internos e externos depende da existência prévia de um espaço psíquico que contenha esta imagem íntegra e em relação.

Quanto à dimensão sensorial é necessário distinguir os cartões cinzentos e negros que dão lugar a sentimentos inquietantes, já que o preto e o cinza são cores de tristeza e luto, dos cartões ditos vermelhos em que há uma solicitação a movimentos mais pulsionais, e dos cartões indutores de afectos que facilitam e regressão ao reactivar uma sensorialidade precoce.

### 3.3. ANÁLISE CARTÃO A CARTÃO

Cada cartão da prova Rorschach tem uma organização espacial específica que lhe é dada pela sua configuração perceptiva que apela a uma simbologia particular. Deste modo, há um apelo às referências corporais que fundamentam a projecção. A imagem do corpo é fortemente solicitada pelo material Rorschach e constitui a base que sustenta as associações fornecidas. Mas para serem positivamente utilizadas, as referências que articulam essa projecção da imagem do corpo deverão permitir uma delimitação suficiente entre o interior e o exterior: quando as barreiras são frágeis, o funcionamento mental do sujeito não oferece o emprego eficaz face ao perigo de confusão ou de interpenetração alargada. Assim os dois tipos de organização espacial- unitária ou bilateral- dos cartões de Rorschach definem as modalidades do funcionamento psíquico do sujeito

O **Cartão I** constitui o primeiro contacto com a situação Rorschach , uma situação desconhecida que pode desencadear um certo mau-estar que

é, por vezes compensado pelo recurso a intelectualizações, apelo ao sócio-cultural ou mesmo ao imaginário.

A representação de si, aberta à realidade objectiva, camufla talvez a proximidade de um universo persecutório “todo poderoso” remetido para segundo plano. Desta forma, as atitudes objectivas mobilizadas podem ser consideradas defensivas, contra uma vulnerabilidade corporal e narcísica expressa.

Rico em simbolismo maternal, o cartão reenvia para a relação com a imago materna: primeiro cartão, primeiro objecto. Assiste-se à reactivação da relação face à mãe pré-genital, nos seus aspectos positivos e/ou negativos, com evocação de imagens de segurança e/ou de ameaça; ou pode ainda, devido às suas características formais, remeter o sujeito quer para a imagem do corpo, quer para a representação da relação. Assim a sensibilidade às lacunas intramaculares, aos recortados da mancha ou à abertura superior atesta uma fragilidade em relação à imagem do corpo.

**Na adolescência**, a exclusão da organização tripartida do cartão será indício de uma vulnerabilidade corporal e narcísica. A apreensão unitária e objectiva do cartão e a adaptação conformista face à mesma, constituindo atitudes defensivas, são geralmente, sinais de sensibilidade à vulnerabilidade face à imagem corporal, percebida como impotente e/ou mutilada (Traubenberg, 1993).

No **Cartão II** a aparição do vermelho e a presença de um espaço branco central suscita alguma dificuldade aos sujeitos. Trata-se de um cartão bissexuado, face ao qual surgem expressões pulsionais libidinais e agressivas, secundárias (temas de luta ou de competição) ou primárias (temas de destruição ou de rebentamento). Pode estar presente a problemática da castração. Quando apreendido de uma forma global, este cartão pode provocar fantasias relacionadas com a relação precoce com a mãe simbiótica e/ou destrutiva, fantasias essas que reenviam para uma problemática pré-genital. A apreensão global é sugerida pela mistura de cores. A forma torna-a inadequada, mas quando baseada na estrutura bilateral e na interpretação do vermelho em cenas, a apreensão torna-se eficaz. Na apreensão em D são importantes os D vermelhos, que podem ser evitados como cor e/ou localização. O D branco pode ser percebido como um objecto, ou como um buraco, segundo uma polarização cheio/vazio.

**Na adolescência**, os temas principais prendem-se com representações do interior do corpo e com a bissexualidade. Há, em geral, uma grande utilização dos elementos sensoriais, principalmente da cor vermelha utilizada mais no sentido da ferida, da mutilação do que no sentido da pulsão agressiva. A bissexualidade do cartão remete os adolescentes para a representação simbólica do corpo materno e/ou feminino (Traubenberg, 1993).

**O Cartão III** favorece geralmente um clima emocional mais agradável, devido à sua disposição espacial mais aberta à evidência das formas. No entanto, se a relação entre os personagens coloca problemas ou se eles fazem parte de um mundo irreal ameaçador, o clima emocional altera-se. As representações humanas, geralmente interpretadas, manifestam a necessidade de representação de si, do outro e do apelo à relação. Representações estáticas, coisificadas, desvitalizadas ou remetidas para o interior do corpo, podem traduzir personagens sexuadas e em acção, substitutas da vivência relacional.

O cartão mobiliza mecanismos de identificação a modelos sexuais traduzidos por representações específicas e por tomadas de posição activas e/ou passivas, que testemunham escolhas, mais ou menos fáceis no assumir dos papéis sexuais.

**Na adolescência**, este cartão remete para a centração na representação humana, em geral kinestésica, em postura acção e relação. Esta representação poderá ser dada de um modo parcial ou inteiro, geralmente indeterminado quanto ao sexo e com uma postura relacional ou não. É um cartão em que há uma mobilização activa do pensamento e/ou um desejo de domínio. A cor vermelha suscita, normalmente, a intelectualização que poderá ter êxito, pelo esforço de atribuição de um

valor simbólico à cor, ou não, sendo gerado um pensamento confuso com a perda dos limites e a confusão dentro/fora (Traubenberg, 1993).

O **Cartão IV** tem uma tonalidade emocional quase sempre disfórica devido ao seu aspecto escuro que evoca a força e a autoridade, face à qual surgem reacções positivas ou negativas, de domínio ou de submissão. As imagens activas ou passivas permitem afirmar os movimentos identificatórios.

Para Chabert (1983), este cartão não acenta directamente na problemática da representação do corpo, sendo mais evocativo das imagens de potência. Em todo o caso estas imagens serão mais ou menos organizadas, segundo têm ou não em conta a integração de uma construção corporal delimitada e bem definida.

**Na adolescência**, este cartão remete para a representação de si, através do poder fálico representado. Pode suscitar respostas elaboradas, referentes à representação humana, o que testemunha um movimento identificatório importante. A imagem viril pode, pelo contrário ser provocadora de angústia, podendo surgir imagens do corpo distorcidas ou fóbicas-Clob (Traubenberg, 1993).

O **Cartão V**, tem um carácter unitário que remete para o sentimento de unidade psíquica e somática. Quanto mais a mancha se aproxima da

realidade objectiva mais neutra se torna a reacção emocional. O clima emocional do cartão IV pode influenciar o cartão V e, no caso de haver uma situação eufórica, podem surgir imagens de valorização narcísica (este cartão é muito sensível à expressão narcísica). Quando recusada denota a luta contra a desorganização de si ou a incapacidade em abordar a realidade evidente.

É geralmente apreendida de forma global devido ao seu carácter unitário. A oposição entre as duas metades da mancha rompe essa unidade e é sinal de ambivalência e de uma posição conflitual intrapsíquica.

**Na adolescência**, podendo haver neste cartão um investimento narcísico da imagem de si, podem surgir imagens inconsistentes (sinal da fragilidade dos limites ou da representação de si), sempre coloridas de uma sensibilidade depressiva. Muitas vezes surge a banalização, valorizada narcisicamente de um modo superficial. É uma forma de evitar o conflito, que se pode inscrever na dicotomia actividade/passividade (Traubenberg, 1993).

No **Cartão VI** predominam, geralmente, reacções emocionais negativas por dificuldades de natureza perceptiva-cognitiva ou por dificuldades em lidar com o conteúdo latente do cartão carregado de implicações sexuais. A dimensão fálica é a mais utilizada e pode ser transposta para um tema que pode ser real ou simbólico. A dinâmica

actividade/passividade permite a expressão da problemática da castração, enquanto que a sensibilidade às posições passivas pode tomar uma conotação anal. Torna-se indispensável a comparação com o cartão IV.

**Na adolescência** podem surgir conteúdos que remetem para a actividade de uma representação flexível e adaptada ou para a passividade. Podem surgir conotações de sofrimento e de morte que se relacionam com a integridade do corpo. O simbolismo fálico do cartão pode ser reconhecido sem que surjam dificuldades, ou pode ser dado por conteúdos fóbicos, onde as representações simbólicas ou narcísicas valorizadas estão ausentes. A angústia de castração pode, ou não ser evocada e quando o não é pode surgir numa representação narcísica valorizada ou numa expressão de falha marcada (Traubenberg, 1993).

O **Cartão VII**, cartão materno por excelência, pelo seu carácter aberto estimula a relação primitiva com a mãe, que pode ser vivida como securizante ou como abandonica. É um cartão geralmente sentido como negativo em virtude do seu carácter frágil, inacabado ou instável. No entanto, a sua tonalidade emocional pode ser positiva quando é dada uma relação calorosa ou lúdica. A reacção a este cartão deve ser comparada com a reacção ao cartão II. O funcionamento evoluído é posto em relevo pela relação entre as figuras e o funcionamento mais arcaico pela dicotomia

figura/fundo, pela invasão do branco ou pela atracção pelo vazio que conduz a respostas banais.

**Na adolescência** podem surgir representações humanas indeterminadas, com hesitação ou não, na atribuição do sexo aos personagens. A relação entre eles, quando dada é especular. A relação dual remete para fantasmas de relações simbióticas, onde a problemática da fusão/desfusão está presente (Traubenberg, 1993).

O **Cartão VIII**, com a introdução da cor deverá provocar uma mudança positiva na atitude do sujeito. Reacções negativas surgirão a propósito de respostas de corpo distorcido, devorado ou destruído. É um cartão que se dirige à troca emocional, à comunicação. O elemento sensorial participa assim do mundo exterior e da afectividade. Este cartão solicita fortemente o narcisismo (bem como os restantes cartões pastel), nas suas dimensões de sofrimento, que exprimem muitas vezes imagens que revelam a insuficiência do investimento em si, corolário de uma vivência de insatisfação e de falta na relação precoce com o meio. As respostas poderão relacionar-se ainda com preocupações corporais ou com a vivência de destruição corporal. Respostas intelectualizadas visam anular o afecto relacionado com a cor. A atracção pelos detalhes brancos dá conta de uma fragilidade relacionada com uma vivência carente. As respostas globais integram sempre as cores.

A apreensão dos detalhes rosa laterais favorece a interpretação formal e permite evitar as cores.

**Na adolescência** há uma luta habitual contra a dependência e contra a regressão, podendo surgir reacções persecutórias e falhas de julgamento. Conteúdos fóbicos reenviam para a problemática dos limites do corpo. As respostas sensoriais têm um teor narcísico (Traubenberg, 1993).

O **Cartão IX**, de referência maternal, pode ser de difícil acesso ou pode ser encarado como um estímulo criador. Suscita alguma ambivalência no que respeita à sua aceitação ou rejeição.

O cartão reactiva preocupações ligadas ao corpo (Chabert, 1983), na confusão dos limites dentro/fora e na evocação de uma espécie de transparência do "envelope" que deixa a descoberto os órgãos e as vísceras.

Trata-se de um cartão carregado de significações, devido à mistura de cores e à impressão de profundidade. Podem surgir projecções de nível arcaico, ocasionadas pelas cores, formas, a leveza dos limites, vazios e cheios interpenetrados. A regressão é por vezes tão solicitada, que pode reenviar à imagem materna pré-genital associada a fantasmas de gestação e de nascimento que, quando reelaborados mentalmente promovem respostas sexuais cruas ou de deteriorização física. O pólo pulsional é solicitado no duplo movimento de vida e destruição.

**Na adolescência**, este cartão tem uma forte reactivação fantasmática, podendo haver uma invasão por parte do mundo interno. Há geralmente, posições regressivas, temas relacionados com o nascimento, com o mundo materno securizante ou desestabilizador (Traubenberg, 1993).

O **Cartão X** é o cartão de ruptura, o que pode provocar reacções emocionais de insatisfação ou de libertação. É o mais disperso, o que pode provocar ansiedade face à dispersão perceptiva, percebida como um rementamento do corpo e de si.

A dispersão põe rudemente à prova, as capacidades de unificação da imagem corporal (Chabert, 1983), encontrando eco na angústia de separação. E a construção da "imagem de si" é correlativa da tomada de posição das relações de objecto. Tratando-se do cartão da "individuação" e da "separação", facilitando a regressão à vivência anterior, à linguagem e aos níveis de sensorialidade mais precoce.

É o cartão que solicita a regressão, face à qual pode haver um prazer infantil e criador. Se a fusão dos elementos evoca agressividade, ele é rejeitado, podendo essa rejeição ocorrer a um nível primário ou secundário. No primeiro caso surgem imagens mórbidas de partes do corpo como sinal de fragmentação, devido à dispersão perceptiva. A organização secundária manifesta-se pela procura de unidade. O arranjo final de vários temas situa o sujeito no eixo da individuação e da separação.

**Na adolescência**, este cartão solicita muitas projecções significativas.

Por ser o último, ele desperta preocupações relacionadas com o medo da loucura, com o receio da perseguição, com um mundo interno contraditório.

Podem surgir movimentos regressivos com temas infantis. Este cartão promove a expressão de prazer/desprazer num movimento por vezes ambivalente (Traubenberg,1993).

### 3.4. ANÁLISE DAS RESPOSTAS RORSCHACH

O estudo dos modos de Apreensão, Determinantes e Conteúdos é importante na medida em que expressam um jogo entre projecção/percepção e como o sujeito se movimenta nesse vaivém.

#### MODOS DE APREENSÃO

Referem a localização da resposta, indicando-nos o tipo de apreensão do sujito, ou seja, os movimentos em termos de ligação interno/externo.

De entre os diversos modos de apreensão daremos particular relevância às respostas dadas em **G** e **D**, e à possível alternância que possa surgir entre estas duas formas de localização.

De acordo com Chabert (1983) a apreensão em **G** (respostas globais) pode ser encarada como um suporte essencial para uma identidade estável e distinta da realidade externa. A sua presença ou ausência remete pois, para a existência, ou não, de capacidades de inserção na realidade objectal, bem definida e diferenciada. Remete também para as possibilidades que o sujeito tem, de aceder a um objecto total, "é a uma

apreensão de si enquanto sujeito, entidade integrada relativamente a esse objecto” (p. 103).

Podem, pelo contrário indicar uma invasão do mundo externo sobre o interno e/ou uma indistinção entre o sujeito e o objecto, tradução directa de um Eu fragilizado.

Contrariamente à apreensão global, a abordagem em **D** (grande detalhe) tem em conta uma localização parcial da mancha que se impõe perceptivamente ao sujeito. Dá conta da presença de um Eu suficientemente forte, que se pode submeter à prova da realidade. Conjugado com um modo mais projectivo de funcionamento, as respostas em **D** manifestam a obediência ao princípio da realidade e ao princípio do prazer.

Uma resposta em **D** traduz uma diferenciação perceptiva relacionada com uma diferenciação afectiva, com discriminação mais precisa do conceito do Eu e da relação com o Outro. A sua ausência pode indicar um desinteresse pela realidade ou, uma adaptação à realidade externa, onde há uma abordagem discritiva sem trabalho elaborativo. Este tipo de abordagem pode relacionar-se com uma dificuldade de apreensão do objecto total, o que remete para uma difícil unificação do Eu.

Os **Dd** (pequenos detalhes) são respostas que não se impõem perceptivamente, sendo o seu significado dependente dos restantes elementos da cotação que lhes estão associados. Assim, quando associados a um determinante de boa qualidade podem dar conta de uma actividade intelectual meticulosa, que reflecte a necessidade de ordem e de

controle por parte do sujeito. Nestes casos, há uma atitude mais intelectual e menos afectiva.

Podem ainda ser usados de forma defensiva, quando dados como primeiras respostas a um cartão. O sujeito refugia-se de uma situação conflituosa através da limitação perceptiva e, dessa forma, a pulsão não é exprimida.

Nas respostas **Dbl** (respostas intramaculares), Chabert (1983) chama a atenção para as precauções que se devem ter na sua análise, uma vez que o seu significado varia consoante os cartões e consoante o determinante associado. Estas respostas inscrevem-se numa dialéctica relacional primária. Podem indicar uma carência nas relações primárias com a mãe e a insegurança que lhe é inerente, reenviando para falhas ao nível do  *Holding* de Winnicott. Noutros sujeitos, o Dbl pode reenviar para a angústia de castração, no que diz respeito à dificuldade de ser confrontado com a ferida imposta pelo reconhecimento da diferença de sexos e pelo sentimento de impotência face à situação edipiana.

De acordo com Chabert (1983), os modos de apreensão refletem o modo como o sujeito apreende o real e estabelece o compromisso entre os seus objectos internos e objectos externos.

## DETERMINANTES

Os determinantes dão a conhecer o que determinou a resposta do sujeito: forma, cor, estompagem e/ou kinestesia. Trata-se dos modos expressivos, de como o sujeito reconhece a realidade, e de como é que esta é delimitada pelo sujeito. Dentre estes importa-nos sobretudo analisar os F e os K.

As respostas formais F testemunham um modo de funcionamento adaptado à realidade, que é traduzido pela capacidade de delimitação entre o dentro e o fora, entre o interior e o exterior, ou seja, a capacidade que o sujeito apresenta de figurar um objecto através de um envelope perceptivo que joga uma regra de membrana ou barreira, traduzindo a distinção afectiva entre o sujeito e o seu mundo envolvente. Se esta distinção é possível, o sujeito é capaz de integrar a diferença entre o real e o imaginário.

Com efeito o imaginário não é totalmente coincidente com as suas produções, e mostram mesmo, na diversidade das imagens, uma riqueza incontestável. Mas as respostas F guardam grande significação defensiva, quando elas fixam as representações em impedimento do surgimento das emoções pulsionais. Em particular aperfeiçoam a contenção dos movimentos agressivos e o evitamento da expressão das representações de relações constituindo um aspecto maior de defesa narcísica traduzida pela qualidade específica das respostas F.

Um número insuficiente de respostas formais põe em causa a prova da realidade. Pelo contrário, em número elevado põe em evidência o recurso à realidade exterior perceptiva, objectiva, para evitar a expressão subjectiva e as pressões pulsionais que lhe estão ligadas.

Dos diversos determinantes que revelam Kinestésias, **K**, importam-nos sobretudo as grandes kinestésias-ser humano inteiro pois são elas que nos informam da forma como o sujeito se vive e se representa.

As respostas **K** implicam duas dimensões fundamentais: por um lado, as imagens humanas inteiras testemunham a representação de si e a capacidade do sujeito se identificar à sua espécie, por outro, a representação dada acenta sobre a identificação com o outro, dando-nos conta da relação objectal.

As **K** mais comuns são dadas nos cartões com configurações bilaterais, que marcam uma orientação relacional e identificatória das representações humanas. As **K** mais raras surgem nos cartões compactos e centram-se na imagem do corpo.

O processo de diferenciação e de individuação é eficaz sempre que o sujeito faz uma apreensão sem ambiguidade da representação humana, reconhecendo claramente o que pertence ao sujeito e o que pertence ao objecto. A estabilidade, a diferenciação e a transparência das **K** permite testar a identidade do sujeito, o qual pertence ao mundo humano, que tem capacidades de se identificar com o outro humano e que reconhece as semelhanças entre si e o Outro. Ao contrário, algumas respostas **K**

testemunham uma delimitação pouco clara entre o sujeito e o Outro, o que se torna evidente nos conteúdos ambíguos, com tendência a confusões expressas, por exemplo, através de relações simbióticas ou em “duplicado”.

Assim que a identidade do sujeito é assegurada, coloca-se a questão da sua identificação a um modelo sexual. Várias possibilidades aparecem então através das K.

A definição clara, em termos masculinos ou femininos de uma representação humana que esteja em concordância com a identidade sexual real do sujeito, é testemunho de uma identidade sexual estável e harmoniosa. A flexibilidade das tomadas de posição, a facilidade em identificar as personagens, a coerência entre a identidade sexual atribuída e as condutas projectadas, ligam-se por um lado ao manuseamento de pequenas quantidades de energia libidinal e/ou pulsional e por outro lado à concordância esclarecida entre as respostas K e a sensibilidade ao simbólico dos cartões, assim como nas propostas dos conteúdos onde o carácter significativo é evidente, recordando a dupla orientação masculino/feminino (Chabert, 1983). Quando as identificações sexuais são conflituosas, a apreensão das K é mais delicada, surgindo reacções de ansiedade, hesitações ou evitamento. Nestes casos é comum surgirem respostas em que não é feita qualquer identificação sexual, talvez por o seu reconhecimento ser insuportável devido às faltas que implica. Podem surgir igualmente oscilações entre condutas activas e passivas ou imagens caricatas, por exemplo imagens hiper-viris, a bissexualidade psíquica é

barrada na sua expressão livre no caso de uma fantasmática inquietante a este respeito: os cartões do simpolismo sexual são geradores de angústia, de bloqueio ou abundância produtiva, uma única posição é investida em deterioramento da outra sem possibilidade de oscilação ou de flexibilidade (Chabert, 1983).

As pequenas kinestésias comportam as kinestésias animal **Kan**, as de objectos **Kob** e as partes do corpo humano **Kp**. As primeiras estão relacionadas com a representação de si e das relações. "A representação humana conflituosa é desviada da cena e é substituída por um conteúdo animal que serve de porta voz às pressões fantasmáticas e pulsionais, consideradas como incómodas" (Chabert, 1983, p. 178). As segundas derivam de uma fonte interna, de uma excitação corporal. A sua emergência visa a supressão de uma tensão, que leva o sujeito a projectar o movimento sobre o objecto.

A análise dos conteúdos associados a **Kob** permite situar o registo conflitual em que elas se situam. Na adolescência é importante analisar o carácter sexual destas respostas ( que se manifesta por imagens simbólicas) ou a sua valência destruidora, que põe em causa a integridade psíquica e corporal.

As respostas **Kp** dizem respeito a partes do corpo humano em movimento ou a projecção de pequenos movimentos sobre imagens humanas inteiras. Podem resultar de mecanismos de identificação projectiva, onde há dimensão intrusiva, cargas fantasmáticas intensas; as

partes más são recusadas pelo sujeito e são transportadas para o exterior, que se torna persecutório.

Os determinantes sensoriais-respostas cor, **C** manifestam a receptividade do sujeito às características objectivas do estímulo, de acordo com as qualidades cromáticas e geralmente englobam uma carga afectiva. As reacções aos cartões cor são significativas das relações do sujeito com o seu ambiente.

O excesso ou a escassez de respostas cor assinala barreiras frágeis ou rígidas em relação aos limites dentro/fora, o que poderá ser indicador de protecção ou de abertura às estimulações externas dessas barreiras.

Por sua vez, as repostas Estompagem **E** são determinadas pela sensibilidade à degradação dos tons e das nuances e o seu significado depende da qualidade das associações que a traduzem. Revelam a atitude do sujeito face às necessidades afectivas primárias.

As estompagens de textura dizem respeito à sensibilidade táctil, dando-nos conta da necessidade de regressão do sujeito que remete para uma sensibilidade primária muito precoce. Podem revelar carências de afecto ou, pelo contrário, podem ter um valor restaurador, que permite a satisfação do desejo e a extinção da inquietação.

As estompagens de difusão revelam pouca capacidade em organizar o sensorial e atestam por isso, a fragilidade ao nível das barreiras de protecção. Podem, por isso Ter implicações projectivas, relacionadas com

uma certa instabilidade da identidade, dada a conhecer por imagens instáveis. Dão conta de fraqueza do Eu e dos seus acentos narcísicos.

As estompagens em perspectiva estão relacionadas com o narcisismo. A imagem dada em perspectiva traduz um esforço no sentido de remediar as insatisfações narcísicas.

As respostas **Clob**, para finalizar os determinantes são respostas claro/escuro que têm associada uma tonalidade emocional disfórica, que reenvia para sentimentos de perigo, ameaça e destruição, cuja angústia o sujeito não controla.

Nas respostas **FClob** existem imagens da realidade objectiva que têm um efeito ameaçador para o sujeito, mas perante as quais há um certo controle de angústia provocada. Nas respostas **ClobF**, a angústia é desencadeada pelo aspecto sombreado e maciço do estímulo determinando a resposta, sendo a forma secundária.

## CONTEÚDOS

Os conteúdos traduzem as temáticas das respostas dadas. Indicam como o sujeito acede a imagens de valor simbólico, reenviam aos objectos privilegiados, ao modo como o sujeito investe o mundo, a presença da subjectividade do sujeito. Neste estudo interessa-nos principalmente analisar os conteúdos animais **A** e os conteúdos humanos **H**.

Os conteúdos animais são geralmente um factor de integração adaptativa e socializada, sinal de participação num pensamento colectivo. Mas podem também constituir-se como um deslocamento que traduz a incapacidade do sujeito para assumir os afectos a si associados, que têm por detrás dificuldades de adaptação.

A representações humanas claramente definidas - **H**- transmitem a capacidade do sujeito reconhecer a sua identidade subjectiva, de se representar a si mesmo num sistema de relações que abre caminho à empatia e ao reconhecimento do Outro, nas suas semelhanças e diferenças.

As relações humanas irrealis -**(H)**- podem ser integradas numa vida imaginária rica, mas se em número demasiado podem colocar o sujeito fora da realidade relacional e concreta. Os conteúdos parciais -**Hd**- podem revelar uma abordagem fóbica da representação humana, que é apreendida de uma forma parcial porque, globalmente, pode suscitar perigo. Podem ocorrer no registo do recalçamento das representações sexuais ou no registo da angústia de fragmentação, com a ausência de integração da imagem do corpo.

Os conteúdos de **valor sexual** são importantes para auxiliar a análise das posições identificatórias do sujeito no que diz respeito ao reconhecimento da diferença de sexos.

Os conteúdos de **valor agressivo** referem-se geralmente a modalidades específicas de relação de objecto.

Os conteúdos de **valor regressivo** surgem, em geral, nos cartões que os solicitam (por exemplo: VII, VIII, IX e X), ou em contextos que tenham um valor defensivo de ordem sexual ou agressiva. O valor regressivo reenvia para as primeiras relações de objecto. Nos cartões pastel podem surgir temas relacionados com a água ou com a luz e, nas respostas associadas às estompagens de textura, respostas como “peluche” que reenviam para o contacto primitivo, securizante ou não.

## 4. PROCEDIMENTOS

A apresentação do Rorschach explica, por si só a pertinência da sua utilização neste estudo.

Assim, como metodologia de base desta investigação, situa-se na sua capacidade em revelar certos processos implicados na adolescência, na qual, mais do que um corpo em transformação (o corpo da puberdade) temos um corpo em identificação, com todos os movimentos internos e externos que lhe são inerentes.

As adolescentes anorécticas , fechadas sobre si mesmas utilizam uma "linguagem do corpo" como expressão dos seus sentimentos e afectos. Tentaremos compreender o modo de funcionamento, a problemática subjacente e a mensagem paradoxal que caracteriza a própria conduta anoréctica.

A análise do Rorschach será uma análise essencialmente qualitativa que passará pela análise cartão a cartão, resposta a resposta, em que seja compreendida a sequência das mesmas. Interessa ter em conta os movimentos progredientes e regredientes que vão ocorrendo.

O Rorschach convida a "imaginar a partir do ver".

O material, num primeiro momento parece descontínuo, estranho, às vezes inquietante, pelas emoções que desperta, pelo apelo à projecção de

imagens corporais a que induz. Num segundo momento requiere-se uma “ligação” (relacionar elementos aparentemente privados de sentido), trabalho que tem como objectivo a constituição de uma figura significativa.

Para Chabert (1983) o Rorschach vai permitir uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de disposição da sua relação com os objectos, dos fantasmas, dos afectos que estão subentendidos pelas palavras que ele nos vai fornecendo.

Segundo Laplanche e Pontalis (1990) não se trata apenas da estruturação de estímulos em correspondência com a estrutura da personalidade: “o indivíduo projecta aquilo que é, mas também aquilo que recusa ser”.

Para além da sua relação com a avaliação diagnóstica, a prova Rorschach permite descobrir e analisar algumas subtilezas do funcionamento psíquico na escuta atenta de um discurso circunscrito a uma situação original e singular, permitindo assim que a partir das características perceptivas se reactive um campo de experiências sensoriais e representativas latentes, que se dão a ver e entender nas respostas formuladas.

Os sujeitos ao imaginarem as respostas Rorschach vão representar por meio de símbolos os conteúdos mentais inconscientes. São estes que nos propomos entender ao nível da Anorexia na Adolescência.

## **1. Quanto à forma como o sujeito integra o objecto interno -**

### **Identidade:**

O acesso à identidade supõe que os processos de diferenciação tenham sido operantes e que possam permitir a separação, conseguindo o sujeito projectar uma imagem íntegra, unitária e separada. É a diferenciação entre o "Eu" e o "Não Eu" que começa por fazer da criança uma entidade psicológica distinta. A formação de um "Eu" estável e diferenciado tem a ver com o alcance de limites, do dentro/fora.

No Rorschach as formas, as cores, a organização simétrica em torno de um eixo mediano e o fundo branco que contrasta com a mancha, são características que estabelecem limites entre o dentro e o fora.

## **2. Quanto à forma como o sujeito investe e representa a relação com o**

### **Outro - Identificação:**

O sujeito poderá investir as figuras parentais de afectos libidinais ou agressivos. Podem ser vividas de forma securizante ou ameaçadora, castrante ou rejeitante, em relações de domínio ou de submissão, de dependência ou de autonomia. Será a forma como os objectos foram internalizados na relação precoce que determinará a vivência das figuras parentais. A análise da adequação formal, a capacidade de colocação em relação e os conteúdos dados permitirão identificar a natureza das relações de objecto.

### 3. Quanto à forma como o sujeito se representa a si próprio - Imagem

#### Corporal:

A capacidade de dar imagens unitárias, intactas e de boa qualidade formal denúncia a capacidade de manter uma imagem corporal estável, inscrita num "envelope", num continente. Elas podem agir nas respostas **H**, **A**, **Obj.** ou outras, mas seja qual for o conteúdo da resposta o interesse reside no efeito que ela evoca ao nível de uma superfície limitante.

Para além da importância da representação corporal, torna-se muito importante a capacidade de investimento que o sujeito tem em si mesmo, uma vez que a unidade narcísica, fragilizada pela necessidade de integração das recentes transformações pubertárias e pela desidealização dos ímagos parentais, sofre um abalo pulsional.

## IV. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS

### PROTOCOLO DA IPA

Ipa aceitou divertida a sugestão da aplicação da prova.

No entanto, ao longo da prova demonstrou alguma preocupação por não saber se estava a corresponder bem, tal como ela referiu: "veio ter com a pessoa errada".

Observou todos os cartões muito atentamente e prolongadamente.

Apresentou de início alguma inquietação que se foi esbatendo ao longo da passagem da prova.

### CARTÃO I

Rico em simbolismo maternal, este cartão reenvia para a relação com a ímago materna: primeiro cartão, primeiro objecto. Assiste-se então a uma reactivação da relação face à mãe pré-genital nos seus aspectos negativos dado o mau estado expresso por Ipa.

Com a evocação de uma primeira imagem ameaçadora ("aranha"). Ipa dá conta de possíveis dificuldades em se identificar com um continente bom, capaz de apaziguar a tensão interna.

Esse mau estar interior parece ter sido compensado pelo apego à realidade exterior, perceptiva e objectiva (F+).

Há então um reconhecimento da realidade com o acesso à banalidade, mas a insegurança (“não sei?...”) face ao objecto evoca a fragilidade do objecto interno, ainda que tivesse sido desencadeado um desejo de procura da estabilidade do objecto. O que parece não ser suficiente para impedir o seguimento de um movimento regrediente.

A existência de um tratamento inadequado dos limites (“parece-me um bicho”) deixa a realidade externa escapar a uma circunscrição eficaz.

Questionando o conteúdo (“será que não é uma pessoa?”), questiona a representação de si, a sua própria identidade, que num movimento defensivo parece então testemunhar uma vulnerabilidade corporal e narcísica.

## **CARTÃO II**

O pulsional em excesso, não integrado, parece comprometer processo de inscrição simbólica.

O primeiro movimento de choque, evitamento, (choque Clob) seguido uma tentativa de fuga dada pela intervenção do recalçamento (“...veio ter com a pessoa errada...”) dá conta da precária capacidade de contenção da pulsão.

O objecto externo é sentido de tal forma como invasor, desorganizador, que lpa deixa-se cair num “beco sem fundo” onde tudo se abandona, numa

total passividade, sem contenção que nos sugere uma tentativa de regressão ao ventre materno.

O Impacto ameaçador e inquietante levou a uma desorganização interna reactivada pelo emergir da pulsão que se traduziu por último em reacções de evitamento e de hesitação (“devem querer dizer... não sei, eu é que não chego lá”) numa lógica de angústia de castração.

### **CARTÃO III**

Os mecanismos de identificação a modelos sexuais mobilizados pelo cartão (mancha) são traduzidos por figuras sexualmente indiferenciadas (“duas pessoas”), numa recusa massiva de uma identidade sexual.

Ainda que essa representação humana não esteja determinada quanto ao sexo, ela foi desde logo interpretada manifestando a necessidade de representação de si, do Outro e do apelo à relação.

Em movimentos progredientes opera-se uma busca intensa da relação que começa por ser pouco expressiva (“pegar”) denotando uma atitude defensiva, o receio do Outro, da relação (“que querem” e a seguir “a disfrutarem”).

Subsiste ao longo das várias respostas a este cartão, comentários à cor vermelha que dão conta de grandes dificuldades em integrar as pulsões e portanto de as recusar vivenciar.

## CARTÃO IV

A imagem evocada manifesta movimentos conflituais massivos, acompanhados de uma carga de angústia ligada às representações da autoridade paterna e do poder viril. Face ao simbolismo do cartão, o impacto fantasmático é grande e uma vez moldado pela tonalidade fóbica depressiva favorece a tendência para a sensibilidade persecutória ("monstro").

A confrontação identificatória e a integração dinâmica do poder fálico não se elabora de forma implicada e não ocorre sem conflito e sem angústia, sinal de fragilidade do processo de identificação.

Os constrangimentos da situação são, então ressentidos e combatidos num movimento que introduz uma defesa contra o simbolismo fálico do cartão o qual é desvalorizado ("desenhos animados") não perdendo totalmente o seu poder ("Dragon Ball") anulando no entanto o seu carácter tão ameaçador.

De seguida Ipa parece refugiar-se numa limitação perceptiva ("umas pernas, umas patas"), não sendo no entanto suficientemente eficaz para evitar que dê de novo lugar a um movimento regrediente revelador de

uma abordagem paranóide muito intensa, que dá conta de uma grande fragilidade ao nível das barreiras dentro/fora.

“Um dragão” vem por fim dar conta de todo “um fogo” que a corroi, sentido como perigoso por dentro e o qual ela sente necessidade, com urgência, de pôr cá fora.

A escolha negativa deste cartão na **prova das escolhas** acentua que a confrontação identificatória e a integração dinâmica do poder fálica é-lhe muito angustiante, sinal de fragilidade do processo de identificação ainda por concluir.

## **CARTÃO V**

Este cartão é reconhecido como sendo da identidade e da representação de si. Assim sendo essa vivência é de certa forma frágil (“uma joaninha”). O carácter unitário deste cartão favoreceu o acesso à banalidade e o apego à realidade objectiva que torna mais neutra a reacção emocional. No entanto o registo em que Ipa se mantem, de insegurança e de incerteza parece dar conta de um desinvestimento narcísico da imagem de si, sinal de fragilidade dos limites e da representação de si (“como é que se chama?...é que não me parece bem...”), bem como um evitamento do conflito.

## CARTÃO VI

O simbolismo fálico do cartão reactivou logo no primeiro movimento, mecanismos defensivos que visam reduzir ou mesmo suprimir o impacto pulsional induzido pelo conflito identificatório. Assim, a tendência inicial para a recusa (“Mas o que é isto?!...”) pode reenviar-se a mecanismos da ordem do recalçamento.

Nas respostas seguintes, Ipa, para não ter de se confrontar com o estímulo usa uma estratégia de desimplicação, dando um conteúdo com carácter indefinido (“Um símbolo”) quer no que respeita à forma, aos limites, quer ao conteúdo.

Ainda numa última resposta (“Uma estátua”) parece haver alguma intelectualização e uma desvitalização como mecanismo de defesa.

A escolha negativa deste cartão na **prova das escolhas** vai no mesmo sentido da escolha também negativa do cartão IV: cartões que suscitam um excesso pulsional difícil de gerir e nos dá conta de uma problemática ao nível da identidade sexual.

## CARTÃO VII

O cartão materno por excelência estimula a relação primitiva com a mãe, que parece suscitar algumas fragilidades ligadas à dificuldade em utilizá-lo como suporte identificatório.

Esta dificuldade é logo de início traduzida por mecanismos da ordem da dúvida, da interrogação (“mas porque é que aparecem sempre estas coisas aqui?”).

Esta angústia mobilizada face à simbologia do cartão é apaziguada pelo recurso a conteúdos da ordem do sobrenatural (“dois anjos”) que por estarem “unidos” poderá testemunhar a insuficiente diferenciação, a difícil separação e autonomia em relação à mãe.

Ainda uma reacção de evitamento (“...eu é que não tenho capacidade de atingir!”) a este estímulo materno / feminino Ipa mantém-se numa lógica de angústia de castração.

Mas se anteriormente a diferença, a separação parecia difícil, a última resposta parece vir no sentido inverso. Este vai-vem parece dar conta de desejos ambivalentes de separação / ligação, autonomia / dependência (“uma barreira, se calhar em vez de estarem unidos, há qualquer coisa que impede...”).

## **CARTÃO VIII**

Na sequência do anterior cartão parece Ter havido aqui, através da cor que remete para os afectos e as emoções, uma intensa descarga emocional. Dirigido à troca emocional e à comunicação a reacção de Ipa foi de ataque, de luta (“dois seres tão revoltados”) no sentido de uma defesa contra a sua fragilidade narcísica, a sua vivência carente.

Numa segunda resposta consegue atenuar esses sentimentos com a interposição de “dois muros” que separam e que portanto acabam por pacificar. Por outro lado são estes muros que não deixam lugar à comunicação, à relação.

O último comentário (“só estou para aqui a dizer disparates”) remete também para a falta de investimento em si própria, corolário de uma vivência de insatisfação.

## **CARTÃO IX**

A cor é muito desestabilizadora para Ipa e mais uma vez ela vai Ter de se confrontar com ela.

Perante um cartão que tal como o Cartão VII remete para um mundo objectal mais arcaico, materno, pré-genital, Ipa dá uma

resposta que parece dar conta de uma necessidade ou desejo de separação, de autonomia, propondo “uma barreira” a separar.

Num movimento regrediente, a resposta seguinte vem dar nota de uma invasão do mundo interno pelo mundo externo que Ipa não consegue preservar, uma dissolução dos limites, do dentro / fora que parece estar relacionado com a vivência primitiva com a figura materna.

Recorrendo ainda , e novamente à “ barreira” , Ipa vai agora abrir “duas portas” na “esperança” de encontrar algo que, mesmo que desconhecido lhe seja securizante e protector na sua vulnerabilidade narcísica.

## **CARTÃO X**

Num primeiro comentário, Ipa deixa transparecer algumas dificuldades em lidar com toda esta intensidade sensorial e dispersão dos elementos do cartão.

A procura de unidade torna-se difícil e assim Ipa numa primeira resposta refugia-se numa restrição perceptiva (“animais”) como mecanismo defensivo contra a desintegração.

Na resposta seguinte, denunciando a proximidade da separação, da ruptura para a qual o cartão remete estabelece “um

objectivo” abrindo “um caminho” para o tentar concretizar (“até chegar aquilo que queremos”).

Esta separação não se dá sem que haja algo que, agressiva e necessariamente a corte (“tesoura”).

A individuação para Ipa está realmente muito dificultada pela sua intensa angústia de separação.

Reside toda uma ambivalência entre dependência / autonomia entre ligação / ruptura.

Num último movimento ao último cartão, Ipa, ao decidir alcançar “uma mesma coisa”, num receio de a perder revela toda a sua fragilidade ao nível da sua identidade, unicidade, individuação, num receio imenso de se perder.

O contacto, a relação passa sempre por algo em comum, como se tivesse de haver uma convergência para um ponto que se necessita estável.

## PROTOCOLO DA ITA

Ita é uma rapariga de 15 anos. Parecendo um pouco inibida, de início, ao longo da prova mostrou-se muito cooperante e muito interessada.

As respostas foram surgindo com naturalidade, sempre sem grandes demoras.

### CARTÃO I

Este primeiro cartão constitui o primeiro contacto com a situação Rorschach, situação desconhecida que desencadeia na Ita uma adesão imediata ao objecto.

Ita começa por se apegar a um estímulo demasiado evidente (“uma borboleta”). É através da banalidade que Ita mostra o seu primeiro movimento defensivo de não implicação.

A representação de si, aberta à realidade objectiva parece, estar comprometida numa segunda resposta (“uma máscara”) onde se esconde provavelmente algo que Ita sente como ameaçador, e/ou que se pretende escondido. Há assim a emergência de uma problemática ligada à identidade e à identificação que nos dá conta da ameaça do mundo interno,

pela realidade externa. A máscara que pode funcionar como invólucro protector do mundo interno, que contém.

O movimento mobilizado pela resposta seguinte (“um avião”) sugere-nos uma tentativa de autonomia, partida, fuga que parece não resultar impedida por “um diabinho” que, numa atitude defensiva Ita destitui de todo o seu carácter ameaçador e inquietante, na dificuldade de se identificar com um continente bom e securizante.

## **CARTÃO II**

Depois da confusão face ao sentimento de estranheza suscitado no cartão anterior, Ita sente necessidade de recorrer a um objecto familiar. A resposta “cara de uma pessoa” liga-se a um objecto parcial - primeiro objecto de relação e de identificação -, onde a regressão mobilizada foi a forma possível para a Ita encontrar um objecto identificatório que a securizá-se.

Esta resposta poderá traduzir ainda, uma sensibilidade da integridade corporal e uma vivência depressiva associada à contração no branco (Gbl), branco esse que representa a boca, a fome, o alimento que não nutre, um vazio que se quer cheio, e que quando cheio se procura de imediato esvaziar.

O elemento sensorial, principalmente a cor vermelha, donde emergem as pulsões libidinais e agressivas foi deslocada para um conteúdo animal ("um insecto") que traduz a incapacidade do sujeito em assumir os afectos a si associados.

### CARTÃO III

Não operando uma identificação sexual das figuras, neste cartão, Ita acede ao conteúdo latente centrando-se na representação humana em postura de acção e relação ("duas pessoas"), com a integração da cor vermelha ("com um laço ao meio") investidas de um carácter lúdico de prazer ("dançar").

A dificuldade em assumir uma identidade sexual estável e harmoniosa vai sendo cada vez mais evidenciada através de conteúdos que sequencialmente vão sendo desvalorizados, destituídos de identidade como se pode ver nas várias respostas a este cartão ( H - (H) - A ).

Ainda os vários conteúdos mostram que a representação da relação é invadida por fantasmas de carácter estranho e ameaçador.

A escolha negativa deste cartão na **prova das escolhas** salienta a grande dificuldade de Ita em aceitar o seu simbolismo, o que vem dar nota do receio da relação, da proximidade com o Outro e da fragilidade na representação de si.

## CARTÃO IV

No cartão que solicita a representação do poder e da autoridade, Ita não acede ao conteúdo latente do cartão, nem tão pouco à banalidade.

Na tentativa de anular o impacto inquietante da mancha emergem assim mecanismos defensivos, com uma primeira resposta que, ainda que com alguma vitalidade (“uma árvore”), seja desprovida de poder, de força.

O movimento progrediente seguinte (“animal, como uma águia”), não é de todo eficaz para se sobrepor à fragilidade do processo de identificações e logo segue uma resposta de delimitação perceptiva (“duas botas”) num movimento defensivo contra a representação ligada ao poder viril sentido como demasiado ameaçadora e desestabilizante.

O facto de serem “reflexo uma da outra” dá conta de uma tentativa de integração, de unidade só conseguida através da duplicação.

A oscilação de movimentos progredientes / regredientes suscitada pela forte pressão interna testemunha a procura constante de contenção, nem sempre conseguida.

## CARTÃO V

Este cartão remete para o sentimento de unidade psíquica e somática. O seu carácter unitário favoreceu o acesso à banalidade e o apego à realidade objectiva que torna mais neutra a reacção emocional.

Dado esse carácter, os dois primeiros movimentos vão no sentido de uma tentativa de coesão e unificação da integridade corporal e da representação de si ("uma libelinha, uma borboleta"). No entanto essa tentativa não foi eficaz, tanto mais que Ita, na resposta seguinte dá conta da sua fragilidade quanto aos limites ("reflexo de um animal na água"): essa coesão só é mantida através do reflexo, do espelho, na duplicação de si, da sua própria imagem.

Por fim parece que "uma andorinha" vem no sentido de uma procura e ao mesmo tempo de um receio do desabrochar, da primavera.

## CARTÃO VI

O simbolismo fálico do cartão é tratado de um modo particular, uma vez que alguns mecanismos defensivos são mobilizados, numa tentativa de reduzir ou mesmo de suprimir o impacto pulsional que o conflito identificatório induz.

Na dificuldade em lidar com o conteúdo latente do cartão, carregado de implicações sexuais, Ita dá uma resposta (“um barco”) que remete para uma regressão passiva e novamente o reflexo aqui surge para assegurar a coesão psíquica acabando por permitir na resposta seguinte, um movimento progrediente com o acesso à banalidade que ainda que testemunhe uma procura de unidade corporal é-lhe retirada a força e virilidade que lhe provocou a angústia (“pele de urso”).

## **CARTÃO VII**

A representação da relação com o materno / feminino aparece num movimento especular (“duas caras de frente em reflexo”), numa procura de identificação narcísica dada a impossibilidade de ver o Outro como diferente de si. Um é duplo do outro, assenta no olhar do outro, o que nos reenvia para o prolongamento da relação com a figura materna, e vai com certeza dificultar uma identificação feminina.

A utilização do branco como cor, no movimento regrediente posterior dá conta de uma ressonância aguda ao vazio e à falta, que nos faz pensar num Eu fragilizado, colocado em situação de carência do investimento objectal. Há como que uma necessidade de contenção dos limites (“caminho com muitas árvores à volta”) nesta altura em que a definição dos limites entre dentro / fora, interior / exterior se encontra ainda muito ténue.

Nas duas respostas seguintes, Ita serve-se do “espelho” e do “reflexo” para no Outro se ver a ela própria, se assegurar dos seus próprios limites, revelando mais uma vez toda a sua fragilidade na delimitação Eu / Outro .

## CARTÃO VIII

Logo ao iniciar, Ita utiliza um comentário (“Ah! Tem cores!”) que vai no sentido de anular o afecto relacionado com a cor e funciona assim como uma manobra defensiva.

É de realçar na sua resposta seguinte que a apreensão em G (“um tigre nas rochas”) favoreceu a interpretação formal e permitiu evitar as cores, às quais Ita é desde logo tão sensível, pela solicitação forte ao narcisismo nas suas dimensões de sofrimento, desinvestimento em si, insatisfação.

A evocação de um animal perigoso vem deixar transperecer um clima inquietante e ameaçador donde a proximidade com os objectos se torna agressiva e é temida.

E assim, por último, pela acção da regressão surge um continente pouco “sólido” para um conteúdo tão frágil (“um barco com velas...na água”).

Ita continua a “agarrar-se”, a servir-se do reflexo como forma de assegurar a unificação, a integração.

A reacção perturbada de Ita a este primeiro cartão colorido, ainda salientado pela escolha negativa na **prova das escolhas** pode-se explicar

pela sua fragilidade e incapacidade de se identificar com um continente bom, capaz de aliviar uma tensão interna.

## CARTÃO IX

Na Ita este cartão provocou uma forte activação fantasmática, que corre o risco de dar lugar a uma invasão por parte do mundo interno.

Sendo difícil aceder a uma identificação com o feminino, Ita recorre numa primeira resposta a um conteúdo animal, regressivo, desvalorizado ("dois camarões"), dada a sua incapacidade de assumir os afectos associados à mancha que parecem Ter por detrás dificuldades na representação de si.

Numa Segunda resposta com a integração do branco, Ita revela carências afectivas e falhas ao nível do investimento narcísico, acedendo a um conteúdo que pode ser visto como persecutório e agressivo ("dois olhos e dentes") e conferindo assim ao percepto um aspecto incoerente e ansiogénico que nos leva a pensar na necessidade de distanciamento face ao corpo como processo defensivo pela angústia que provoca.

A regressão é neste cartão tão solicitada que parece enviar a Ita para a imagem materna pré-genital associada a fantasmas de gestação ("gruta") mas que é sentido como aterrorizador, inquietante, destruidor ("dos piratas com caveiras").

## CARTÃO X

Perante a intensidade sensorial e dispersão deste cartão, Ita começa por tentar a unificação numa primeira resposta em G.

No entanto, tratando-se do cartão da separação, da ruptura isso traz-lhe alguma inquietação (“uma cara com bigodes”) levando-a, num movimento defensivo a transpor para o passado (“dos antigos”), para um mundo longínquo, que não é o dela e com o qual ela não tenha de se confrontar.

De seguida surge o relacional, num movimento progrediente (“duas pessoas de mãos dadas”) que reenvia para a primeira relação com o objecto materno, na necessidade de uma relação dual de protecção, de segurança.

movimento da resposta anterior não foi eficaz para o estabelecimento de um objecto securizante dentro de si já que Ita, na resposta seguinte (“tesoura de podar árvores”) vai agressivamente cortar o que pode ser a representação do seu próprio corpo, não permitindo o crescimento pleno, exigindo-lhe a forma pretendida numa tentativa de se assegurar nos seus próprios limites.

De novo “uma cara com sobancelhas” que, tal como na primeira resposta vai servir para se desviar de um corpo provavelmente sentido como persecutório.

A resposta seguinte (“fogo de artifício”) vem no sentido de uma descarga (Kob) onde Ita encontra alívio no deslocamento do dentro para fora, na não contenção, inscrevendo-se num contexto onde não há lugar à encenação de conflitualidades e mentalização das mesmas.

Uma última resposta, último contacto, adivinhando a separação e ruptura (“um homem a saltar de pára-quedas”) pode revelar que “ de um salto” Ita torna-se leve, sem peso e deixa-se ir, sem limites num retorno lento e suave à terra (mãe).

## V. SÍNTESE GLOBAL DOS PROTOCOLOS

### Protocolo da IPA

Face à entrada no desconhecido, uma situação desorganizante, ipa dá conta da sua grande fragilidade quanto ao objecto interno e um mau-estar interior pela grande dificuldade em se identificar com um continente bom e securizante.

Ainda para restabelecer o seu equilíbrio interno que foi ameaçado, ipa vai ceder a uma lógica de castração e inibição, as quais se vão repetir sucessivamente ao longo de todo o protocolo.

Já nos cartões II e III, pela introdução da cor vermelha, do pulsional, as respostas reenviam para uma desorganização interna, uma perda dos limites Eu / Outro, Sujeito / Objecto, sendo invadida pelo objecto externo. Não há identificação a modelos sexuais, femininos, nem integração das pulsões.

O impacto fantasmático do cartão IV é grande e por isso a confrontação identificatória e a integração dinâmica do poder fálico não ocorre sem que haja conflito e angústia persecutória, sinal de fragilidade do processo de identificação.

Já no cartão **V** as respostas vão no sentido de um fraco investimento narcísico, de uma fragilidade dos limites revelada por toda uma incerteza e insegurança nas respostas.

No cartão **VI** aparece no início um índice de mau-estar reactivo à mancha. lpa dificilmente consegue gerir o pulsional e opta por retirar toda a carga simbólica à mancha dando respostas indefinidas, arbitrárias e estáticas.

O cartão materno **VII** vem revelar algumas ambivalências, desejos de lpa no que diz respeito à autonomia / independência.

Com a entrada nos cartões **pastel lpa** redobra as suas defesas contra a emergência dos afectos levando-a a “erguer” muros, barreiras, não sem no entanto deixar entrever uma esperança que a securize, duas portas que poderão deixar espaço à relação, à comunicação.

Por fim, no cartão **X**, lpa tem dificuldade em lidar com a dispersão dos elementos do percepto. Ao longo de todas as respostas a este cartão vem dar conta de toda a sua fragilidade narcísica, e ao nível da individuação e integração onde está sempre subjacente uma lógica de castração.

## Protocolo da ITA

A reacção de Ita a esta situação nova, portanto desconhecida é de alguma estranheza e desconfiança ainda que tenha acedido de imediato à banalidade.

Já no cartão **II** com a introdução do elemento cor surgem respostas que vão dar conta de fragilidade ao nível das fronteiras entre realidade interna / realidade externa, dentro / fora.

O cartão **III** vem evidenciar a dificuldade de Ita em assumir uma identidade sexual e o receio da relação, da proximidade com o Outro.

Na tentativa de anular o impacto inquietante do cartão **IV**, emergem mecanismos, que tal como no cartão **V** vêm revelar fragilidade no processo de identificação bem como ao nível da intagração, da unidade, só conseguida através do duplo, do reflexo.

O impacto provocado pelo conteúdo latente do cartão **VI** faz com que Ita , num movimento defensivo, lhe anule o seu carácter ameaçador através da passividade e da desvitalização.

Novamente, mas agora no cartão **VII** volta a dar conta da sua fragilidade das fronteiras Eu / Outro e de uma carência ao nível do investimento objectal narcísico.

Os cartões **pastel** vão no sentido da procura da unificação e integração levados pela acção da regressão a um continente que é sentido como aterrorizador, inquietante, mesmo destruidor.

Por último, face ao cartão **X**, disperso, Ita começa por tentar a unificação, que não é conseguida, acabando por nas respostas seguintes confirmar o que até aqui se tinha revelado: a grande fragilidade dos próprios limites numa necessidade constante de ver no Outro a sua própria imagem, tentando assim assegurar a coesão interna.

## **VI. DISCUSSÃO**

Feita a análise das respostas dos protocolos das duas adolescentes anorécticas escolhidas para este estudo, passaremos agora a inscrever essa análise nas bases teóricas que anteriormente explicitámos e propusemos.

Neste trabalho de ligação da teoria com a metodologia usada tentaremos dar relevância aos três pontos que destacámos como base para proceder a esta discussão. Pensamos estarem todos interligados e daí não os iremos destacar, mas sim “tratá-los” em conjunto e simultaneamente.

### **CARTÃO I**

O conhecimento da realidade interna está na base da adaptação à realidade externa, neste caso, à situação Rorschach: situação desconhecida que nos dá conta da forma intensa e diversificada destas adolescentes experimentarem a realidade.

As atitudes mais diversas das adolescentes em estudo parecem ordenar-se como defesas contra uma angústia emergente e conjuntamente como meio de elaborá-la.

O confronto com a situação Rorschach / situação catastrófica vai pôr à prova a solidez das aquisições anteriores e fazer ressurgir pontos de fragilidade.

A entrada no desconhecido evoca tanto em **lpa** como em **lta** a fragilidade do objecto interno e remete-nos para possíveis dificuldades destas em se identificarem com um continente bom, capaz de as securizar, perante a ameaça do desconhecido.

A isto corresponde a representação da mãe "suficientemente boa" que nos fala Winnicott, que parece nestes casos, Ter sido insuficiente. Ou na terminologia de Bion, a capacidade de "revêrie" da mãe para transformar os elementos  $\beta$  (essa ameaça) em elementos  $\alpha$  (já contida, integrada) transformação que ficou então prejudicada. É através deste processo que o bebé, agora adolescente, pouco a pouco internaliza os objectos externos e constroi um espaço interno dentro do qual o Eu e o objecto se possam relacionar mutuamente.

Do ponto de vista da delimitação do Eu **lpa** apresenta claras dificuldades na delimitação entre o dentro e o fora num

cartão que solicita a projecção da imagem do corpo limitada e diferenciada.

Por seu lado Ita, ao interpretar o branco dá indício de dificuldades de diferenciação e de representação de si. O continente materno revela-se pouco contentor, uma vez que a angústia acordada não encontrou integração, e a capacidade de transformação acabou por ser prejudicada.

Temos assim para as duas adolescentes a existência de um mundo interno em revolução e de um Eu frágil que tenta camuflar a proximidade de um universo persecutório, desestabilizador, não havendo assim integração ou mesmo contenção da angústia, frente aos perigos ameaçadores, tanto de fora como de dentro, tanto imaginários como reais.

## **CARTÃO II**

A adolescência desperta simultaneamente a apetência objectal com o incitamento à conclusão das identificações, e a necessidade de se afirmar como independente e narcísicamente suficiente. Esta mudança torna-se num momento único onde as etapas anteriores são revividas e se integram na textura do "self". Há como que um encontro de soluções para as necessidades e

conflitos da primeira infância, onde o Outro assume um papel fundamental.

É na posição depressiva que o bebé se descobre separado do Outro. Descobrir o Outro como objecto total pressupõe saber-se ele próprio total e diferente do Outro. Só assim o sujeito poderá representar o Outro e representar-se a si em relação a ele.

Neste cartão que reenvia a pulsões agressivas e / ou libidinais encontramos uma fuga ao relacional e ao pulsional.

Para qualquer uma destas adolescentes, ainda é muito difícil a integração pulsional, que justifica a reactivação de mecanismos defensivos tantas vezes inapropriados e precários.

A **lpa** foi solicitada por forças internas, novas e desconhecidas, que inundaram o seu interior, em lugar de o conter. Dá conta de uma incapacidade em assumir os afectos a si associados e em representar a relação, que foi totalmente evitada. Ora quando a estrutura do sujeito é instável e de alguma forma fragilizada, a representação de si e da relação é experienciada com uma angústia muito intensa.

Então, a representação do Outro, tributária da representação de si, revela-se problemática e particularmente difícil para **lpa**. O pulsional em excesso, não integrado, acabou por comprometer o processo de inscrição simbólica, ainda com

uma dificuldade acrescida, a capacidade de conter uma angústia que se tornou inibitória e desestruturante.

O mesmo se passou com Ita para a qual o pulsional em excesso acabou por comprometer a integridade narcísica e corporal. As fronteiras entre a realidade interna e externa esbatem-se, fluem.

Nestas adolescentes, a dificuldade em se vivenciar impede o confronto com o Outro, impede a integração das pulsões libidinais e agressivas na relação estabelecida, não permitindo mesmo qualquer expressão da relação.

### **CARTÃO III**

Birraux (1990) considera que a emergência da pulsão sexual leva o sujeito à necessidade de pôr em causa e a renunciar as suas representações anteriores; uma vez que a conclusão dos processos identificatórios da infância está condicionada pela confrontação com os objectos edipianos. Assim a qualidade das ímagos parentais interiorizadas e a capacidade de transformar essas ligações, são a base para a aquisição de uma identidade sexual estável.

O corpo dado à adolescente é o representante de um mundo objectal do qual ela receia depender. Mas a infância tem o

seu fim e é no corpo que este se revela: ele torna-se estranho, principalmente ao nível dos atributos da sexualidade e não protege mais as fronteiras do Eu e a sua intimidade.

Ora, todas essas modificações corporais, dando acesso à genitalidade, vão colocar em jogo a relação heterosexual, o Outro. Assim a grande tarefa da adolescente consiste na procura do Outro, na capacidade de se colocar em relação a ele. O investimento a operar é assim de carácter objectal.

A relação, no protocolo da **lpa** é de imediato representada, no entanto não se operou a afirmação da identidade sexual.

Também **lta** dá conta dessa dificuldade em assumir uma identidade sexual estável e foi por seu lado complicada a representação de si e do Outro. A vivência relacional comporta receios: o Outro é temido na relação.

Estes impasses na representação da relação têm a ver com a representação de si ainda muito fragilizada pela ligeireza dos limites que separam Eu / Outro, pelos riscos na procura e também por uma integridade corporal instável e desorganizada.

#### **CARTÃO IV**

A aceitação do Outro como ser autónomo, sexuado, activo e interactivo implica por parte das nossas adolescentes um confronto com o Outro, diferente ("não ser como"), ou seja, impõe a problemática edipiana.

Neste cartão, o Outro diferente / complementar reenvia aquilo que é da ordem do paterno, o que faz acordar o tal vivido edipiano.

Assim, as adolescentes têm de mobilizar objectos antigos de forma a recolocarem o vínculo às figuras parentais com vista à autonomização da sua órbita.

Da relação estabelecida, tanto para **lpa** como para **lta**, com o paterno / masculino transparece um conflito identificatório vivenciado de forma muito angustiante.

A inquietude emerge face à proposta de representarem o confronto com o Outro sexuado, que as leva a manterem uma certa distância dos conflitos propostos por forma a assegurarem a manutenção da coesão interna. Este movimento ocorre em função de uma fragilização da representação de si e do Outro que compromete o narcisismo.

Nenhuma das adolescentes acedeu a uma integração dinâmica do poder fálico; este parece suscitar uma conflitualização difícil de gerir donde emergem mecanismos defensivos intensos no sentido de evitar o impacto pulsional, que

foi vivenciado como demasiado devastador e até mesmo ameaçador da integridade psíquica e corporal. Estas dificuldades parecem estar relacionadas com o processo identificatório.

Em Ipa, face ao simbolismo do cartão revela um grande impacto fantasmático favorecendo a tendência para a sensibilidade persecutória dando conta de uma grande fragilidade ao nível das barreiras do dentro e do fora.

Quanto a Ita emergem movimentos de integração, de unidade, que no entanto só são conseguidas através da duplicação. A oscilação de movimentos progredientes / regredientes testemunha uma procura constante de contenção, nem sempre conseguida.

## **CARTÃO V**

Uma representação viva de si, nestas adolescentes revela um objecto interno e transparece uma unidade narcísica muito fragilizada. Mas a capacidade de dar uma imagem global, cuja unidade reste intacta, e de acordo com a realidade externa testemunha a tentativa de manutenção de uma imagem corporal íntegra que no entanto resulta tão instável, tão insegura, decerto

devido à problemática inerente a estas adolescentes estar a dificultar o investimento que elas fazem de si próprias.

Assim, tanto em **Ipa**, como em **Ita** parece estar presente uma dificuldade na integração dos conteúdos ao nível das capacidades de contenção do objecto interno.

**Ipa** numa clara hesitação interna, como se estivesse em perigo o equilíbrio conseguido, mantém-se num registo de insegurança, de incerteza muito defensivo.

**Ita** por seu lado recorre mais uma vez ao reflexo e à imagem que ele lhe dá. Isso leva-nos a pensar que não lhe foram oferecidas condições para se sentir "integrada" dentro do seu próprio corpo e também psiquicamente e procure assim ver no espelho a sua própria imagem, do seu próprio corpo.

## **CARTÃO VI**

O equilíbrio adolescente dependerá da dialéctica entre suportes externos e fontes internas que põem à prova a capacidade de se apoiar sobre os seus suportes identificatórios.

O objecto interno encontra-se fragilizado pela perda de protecção, pela insuficiência de um continente que já não contém

e já não garante a tranquilidade prejudicada nesta altura pelos movimentos pulsionais.

A relação com o Outro sexuado traz uma oscilação entre o activo e o passivo, entre a identificação ao paterno (masculino) e ao materno (feminino) o que parece produzir uma desorganização nas “acomodações” que estas adolescentes tinham até agora asseguradas.

Esta desorganização revela-se na oscilação entre uma dimensão objectal (afirmação do desejo) e uma dimensão narcísica (anulação do desejo - retraimento libidinal, especularidade) que atesta a dificuldade destas adolescentes assegurarem por si próprias a regulação de um narcisismo satisfatório, que vai concerteza comprometer a autonomização da órbita parental.

Assim, as dificuldades tanto de **Ipa** como de **Ita** em se representarem como ser autónomos e sexuados são claramente evidenciadas, tal como em projectar uma vivência relacional, onde o Outro também seja visto como ser autónomo e sexuado.

São então postas em prática manobras defensivas que afastam o Outro de si, Outro sexuado e diferente, difícil de enfrentar, que é temido na relação. Estes impasses na representação da relação têm também a ver com a representação da imagem do corpo, que é vivenciada por **Ipa** e por **Ita**, como

frágil, pela leveza dos limites e como perturbadora ao nível da sexualidade pelo que é preciso desvitalizá-la.

Assim, enquanto durar uma certa inconsistência da identidade sexual, vamos continuar a assistir a fenómenos de re-emergência edipiana sempre que estas adolescentes são confrontadas com o Outro.

## **CARTÃO VII**

A qualidade das primeiras relações vai permitir a criação de um espaço próprio e de um lugar único a ocupar. Uma relação de confiança entre a mãe e o bebé vai possibilitar depois a diferenciação em relação à figura materna e a capacidade de tolerância à frustração face à realidade.

O amor de si, recebido daquele que nos amou, transformou-se em si na capacidade de amar e é nesse amor que é obtido depois o amor objectal de outrém.

Só assim se compreende que o narcisismo e a relação objectal não podem ser concebidos independentes um do outro.

O maior constrangimento nestas adolescentes refere-se à grande permeabilidade que é dolorosa devido à dependência que implica: dependência objectal.

Para a reconstrução da coesão de si, para o estabelecimento das fronteiras entre o interior e o exterior, o Outro opera como objecto que permite a afirmação e afirmação de si.

Este cartão, materno por excelência estimula a relação primitiva com a mãe, o que parece suscitar nestas adolescentes algumas fragilidades ligadas à dificuldade em utilizá-lo como suporte identificatório, donde fica prejudicada a saída para a exploração do mundo.

A **Ipa** dá conta de reacções defensivas no sentido de um evitamento da relação e da representação de si. Estas reacções permitem a **Ipa** negar uma dependência em relação à figura materna, nesta altura em que a definição dos limites entre o dentro e o fora, Eu / Outro, se encontra ainda muito ténue. Associada a esta luta aparece uma instabilidade identificatória, uma fragilização na representação de si em tudo ligada à dificuldade de autonomização em relação à figura materna.

No protocolo de **Ita** a representação da relação aparece num movimento especular, numa procura de identificação narcísica dada a impossibilidade de ver o Outro como diferente de si. A fixação ao reflexo, à imagem no espelho, ao idêntico impede que se constitua um representante mental da outra

realidade: só a ausência aceita faz existir em si mesma, um objecto interno que garanta a continuidade do seu próprio desejo.

A oscilação entre o afastamento e a proximidade, entre a autonomização e a dependência, em relação à figura materna tem po detrás uma dicotomia essencial no processo de individuação e constitui-se, por um lado, pela regulação do narcisismo e por outro, pelo acesso objectalidade.

Neste cartão, que reenvia para o materno, as nossas adolescentes percorreram diferentes caminhos que nos vão dar uma mesma problemática: a fragilidade da primeira relação objectal.

## **CARTÕES PASTEL**

A (im)possibilidade em lidar com o real sensorial, com as emoções e os afectos, e em regredir é o que iremos encontrar nas respostas a estes dois cartões.

A reactividade para experiências arcaicas, para um mundo objectal mais antigo, pré-genital, solicitadas pelos estímulos, que também apelam a uma delimitação Eu / não Eu mostrou-se problemática em qualquer uma das nossas adolescentes.

Estes cartões apelam à regressão acentuada a um tempo mais arcaico, às primeiras relações objectais, tempo em que

nascem as bases formativas de uma capacidade elaborativa, tempo em que um continente terá de estar presente para transformar as angústias do bebé (capacidade de "revêrie").

A adolescência está directamente ligada às transformações na relação dos objectos internos e externos, Assim, quanto melhor se processar o investimento precoce, quanto melhor forem vividas as interiorizações objectais, melhor a adolescente está preparada para se relacionar com os novos objectos que resultam das mudanças ocorridas.

Ou seja, os objectos externos serão fulcrais na organização do mundo interno adolescente, uma vez que lhe vão fornecer suporte. Será o balanço do investimento do "Eu" adolescente, entre o seu mundo interno e os seus objectos de investimento externo, que lhe permitirão um relativo controlo e uma securização narcísica. Estes objectos da realidade externa serão um factor de diferenciação e de individuação.

A reacção de **Ipa** ao cartão VIII, primeiro cartão colorido, pode-se explicar pela luta travada contra a dependência e contra a regressão tão solicitada neste cartão.

Revela fragilidades narcísicas muito acentuadas pelo insuficiente investimento em si, corolário de uma vivência de insatisfação.

No cartão IX, mais uma vez **Ipa** se vai confrontar com a cor, que se revelou muito desestabilizadora e vai assim permitir uma invasão do mundo interno pelo mundo externo que **Ipa** não consegue preservar; uma dissolução dos limites dentro / fora que não a vai conter.

Já **Ita** começa por reagir ao cartão VIII com movimentos defensivos à forte solicitação ao narcisismo nas suas dimensões de sofrimento, desinvestimento de si e insatisfação.

No entanto, as defesas não se revelaram eficazes contra a regressão e **Ita** vai-se "segurar" ao reflexo, como forma de "assegurar" o seu mundo interno, de o conter.

A reacção ao cartão IX parece vir no sentido de uma defesa contra a angústia provocada pela solicitação à regressão, numa incapacidade de assumir afectos ou que não permitiu, no entanto, que **Ita** não regresse a um continente materno. Continente esse que é sentido como aterrorizador, inundado de maus objectos, destruidores, que não permitem pacificar e transformar as suas angústias.

Assistimos assim, nos dois protocolos, a descontinuidades na representação de um Eu diferenciado do exterior e a movimentos desintegrativos, em que uma divisão interna afasta a simbolização.

Nestes momentos não construtivos domina uma fuga ao real, uma fuga de si, ou uma incapacidade em elaborar uma realidade interna.

As oscilações por vezes desestabilizantes entre movimentos regredientes com movimentos progredientes, tem a ver com a crise narcísico-pulsional que vivem estas adolescentes.

## **CARTÃO X**

A qualidade das primeiras relações vai permitir à criança um “espaço de ilusão” (Winnicott) definido como uma área intermédia entre o mundo interno e o mundo externo, entre a fantasia e a realidade. A criação deste espaço pressupõe o estabelecimento de uma relação de confiança entre a mãe e a criança, permitindo a diferenciação.

A experiência repetida da existência do objecto (mãe) transforma-se depois na confiança do seu regresso, como possibilidade de o recriar num espaço (espaço potencial) cada vez mais alargado.

O espaço potencial permite ao sujeito a construção de um mundo interno e externo diferenciados e, é a partir desta constituição de fronteiras, bem definidas, que as trocas serão

então possíveis, numa capacidade para se colocar no lugar do Outro, graças ao movimento Eu / não Eu.

Considerado o cartão da “individuação” e da “separação”, ele vai pôr à prova as capacidades contentoras do objecto interno.

No protocolo da **Ipa** transparecem algumas dificuldades em lidar com a intensidade sensorial e dispersão.

Sendo o cartão da ruptura, pareceu provocar na **Ipa** movimentos de ambivalência -dependência / autonomia, ligação / ruptura, que nos revelam toda a sua fragilidade ao nível da identidade, unicidade e individuação, num receio imenso de se perder.

**Ipa** não encontrou um continente seguro que lhe permitisse “restaurar” o objecto perdido dentro de si.

Por sua vez, é com alguma inquietude que **Ita** se confronta com este cartão, com a separação, a ruptura.

**Ita** não conseguiu apaziguar uma tensão alimentada por múltiplos factores de ordem interna e externa. A descarga bruta dos movimentos pulsionais sobre o objecto, foi a única forma que encontrou para travar uma luta contra os desejos regressivos, relacionados com a dependência face ao objecto externo. Estamos no âmbito da “equação simbólica”, de uma realidade por transformar e integrar. Fica a marca da sua fragilização.

Se na adolescência há uma procura de si, um encontro consigo, nestas adolescentes anorécticas trás um encontro com uma realidade desestruturante de difícil elaboração.

A integração interno - externo trás consigo uma realidade ameaçadora. Sendo que a criação está muitas vezes afastada, não surgindo um novo objecto nestes cartões.

É o trabalho de reparação, de restauração de um mundo interno disperso e turbulento que parece ter momentos significativos de falha. A dificuldade de comunicação interna dificulta a capacidade de comunicação interno - externo, há como que uma barreira que trava o diálogo.

Foram sublinhados vários exemplos em que o real veio afastar o mundo interno ou vice-versa, em que um domínio de um dos pólos interno / externo afasta um equilíbrio.

Foram assim encontrados quer em **lpa** quer em **Ita**, esses momentos não construtivos onde domina a fuga ao real, uma fuga de si, muitas vezes (**Ita**) tornando-se no seu duplo (reflexo).

É de salientar a incapacidade em elaborar uma realidade interna, realidade essa onde, nestas adolescentes anorécticas, é percebido um objecto que não tem "consistência" psíquica, assemelhando-se à fase em que a criança necessita de ter a imagem da mãe presente no seu campo de visão, para saber o

que está dentro de si, ter o sentimento de existir, o que significa que ainda não introjectou uma "imagem" do objecto materno suficientemente securizante e protectora que lhe permita separar-se dela.

Estas adolescentes anorécticas não conseguem aceder à feminilidade pela sua incapacidade em desinvestir os objectos infantis e em se voltarem para novos objectos, entre os quais o seu próprio corpo. Não aceitam as mudanças fisiológicas nem as pulsões internas que emanam em direcção a outrém.

## VII. CONCLUSÃO

Procurou-se neste trabalho aceder às especificidades da Anorexia num processo adolescente, no que diz respeito aos seus desejos, objectos, transformações e relações.

A análise desta problemática através do Rorschach, ligou-se à forma como o sujeito integra o objecto interno - o acesso à identidade supõe que os processos de diferenciação tenham sido operantes e que possam permitir a separação. A formação de um Eu estável e diferenciado tem a ver com o alcance dos limites, do dentro / fora, Eu / Outro.

Prende-se ainda à forma como o sujeito investe e representa a relação com o Outro - identificação - o sujeito poderá investir as figuras parentais de afectos libidinais ou agressivos. Podem ser vividas de forma securizante ou ameaçadora, castrante ou rejeitante, em relações de domínio ou de submissão, de dependência ou de autonomia.

E por fim ligou-se à representação de si - imagem corporal. Para além desta representação, importa analisar a capacidade de investimento que o sujeito tem em si mesmo, uma vez que a unidade narcísica, fragilizada pela necessidade de integração das recentes transformações pubertárias e pela desidealização dos ímagos parentais, sofre um abalo pulsional.

Vários foram os autores e os conceitos que usámos como base teórica para aceder a esta realidade, que é a anorexia na adolescência.

Foi através dessa mesma base teórica que modelámos o instrumento - o Rorschach - permitindo-nos aceder às adolescentes em estudo, à sua forma de pensar, e de se vivenciar.

Surge assim uma outra forma de "olhar" estas adolescentes e pensamos que foi possível chegar mais perto do seu funcionamento, na compreensão da sua dinâmica interna e do que está subjacente à anorexia.

Assim, **Ipa** revelou, através de mecanismos de percepção e de projecção, uma vulnerabilidade corporal e um marcado desinvestimento narcísico. Todo o seu discurso foi marcado pela inibição e pela castração, deixando transparecer incontroláveis oscilações entre desejos ambivalentes e contraditórios.

Com **Ita** verificou-se uma grande fragilidade ao nível da identidade e autonomia quando a abordagem incide sobre o reconhecimento e o posicionamento face ao outro recorrendo a imagens subsidiárias de duplo e espelho. O Outro tem de ser igual, correndo o risco, se tal não suceder, de representar, para **Ita** riscos de dissolução e aniquilamento.

Não chega a existir um verdadeiro investimento objectal, uma vez que o Outro, que seria supostamente diferente, é igual. Assim, a relação que se estabelece é um relacional narcísico do próprio com o próprio.

A fixação ao reflexo, à imagem em espelho, ao idêntico impede que se constitua um representante mental da outra realidade: só a ausência

aceite faz existir em si mesma um objecto interno que garanta a continuidade do seu próprio desejo.

Podemos compreender as dificuldades das nossas adolescentes no domínio da mentalização e o recurso ao agir, que remontam a sua origem a etapas precoces do desenvolvimento.

A anorexia representa um retorno à linguagem da acção e à linguagem corporal, em que se regista a somatização dos afectos, impulsos e conflitos; o insucesso na elaboração mental, evidenciado por estas adolescentes, favorece a resposta do agir, neste caso um agir corporal.

Numa identidade fragilizada, portanto, muito dependente, como é o caso destas adolescentes emerge uma grande luta pela autonomia, pelo que o controlo exercido sobre o corpo, através da conduta anoréctica, se constitui como meio de conquistar um sentimento de eficiência.

O não comer viabiliza, simultaneamente, uma possibilidade de domínio sobre o objecto e uma reversão da situação de passividade, tornando-se activa e encontrando uma identidade.

Das duas adolescentes anorécticas em estudo, muitas coisas encontrámos em comum, muito foi dito, e muito terá ficado por dizer, de aquilo que tem a ver com esta problemática.

O certo é que a vida relacional da anoréctica é marcada por um comportamento paradoxal: mantém o mais longe possível algo sem o qual não pode passar.

Existe, possivelmente, uma analogia entre a relação destas adolescentes com os alimentos, o seu próprio corpo e o Objecto e a que mantêm com as modalidades de investimento em geral.

A relação com a alimentação é o protótipo do conjunto de relações. Estas são feitas de uma luta activa contra o desejo de se apropriar do que lhe falta (o afecto, bons objectos), um desejo de se preencher sem restrição, desejo contra o qual a anoréctica luta, através da conduta oposta de privação.

Toda a relação é vivida como um roubo e não como uma troca: para estas adolescentes, aproximarem-se da mãe num movimento identificatório não é tornarem-se como a mãe, mas sim destruí-la. O fantasma do aumento de peso entra em ressonância com a cumplicidade incestuosa.

Este distúrbio alimentar constitui-se em defesa, face ao medo de ser invadido pelo objecto, sendo que qualquer relação de proximidade representa uma ameaça narcísica.

A anorexia comporta em grãde parte o medo da extrema importância do objecto que, por ser muito idealizado e desejado, é sentido como perigoso porque ele torna-se indispensável, onnipotente, ameaçando assim a autonomia e a independência.

É neste percurso que nos cruzamos com a adolescente anoréctica; Toda a sua conduta vai no sentido de “uma tentativa de destruir a fome, destruir o funcionamento biológico, destruir o corpo, destruir o desejo, na busca da tranquilidade narcísica auto-suficiente, encontrar a calma, o silêncio, estar ao abrigo, com o risco de morrer...Mas também destruir o corpo como lugar do outro, onde se origina o desejo, lugar da acção subjacente do objecto”. (Brusset, B.,1977, p.290)

*“...recordei-me de novo dos motivos pelos quais era anoréctica: o medo. Das minhas necessidades, de comida, de sono, de comunicação, de simples conversa, de contacto humano, de amor. Era anoréctica porque tinha receio de ser humana...”* (M. Hornbacker,1999).

## VIII . BIBLIOGRAFIA

Ajuriaguerra, J. (1976). Manuel de Psychiatrie de l'enfant, segunda edição, Paris.: ed. Masson, p. 175-208.

Anzieu, D. (1978). A pele : do prazer ao pensamento in Socicultur, Lisboa.

Anzieu, D. (1985). Moi peau. Paris: Dunod.

Birraux, A. (1983). Notes sur le monde interne de l'adolescent. Adolescence, 1 (1), p. 135-137.

Birraux, A. (1990). L'adolescent face a son corps. Emergences. Paris: Ed. Univ.

Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. New York: Int. Univ. Press.

Blos, P. (1985) Adolescência . São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Braconnier, A. (1985). Ruptures et séparations. Adolescence, 3 (1): p. 5-19.

Bruch, H. (1985). Anorexia Nervosa . In M. Reiser (Ed.) American Handbook of Psychiatry. N.Y. Basic Books, p. 787-809.

Brusset, B. (1977). L'assiette et le miroir. Paris, Ed. Privat.

Brusset, B. (1985). L'Anorexie Mental des Adolescents. In S. Lebovici ( Ed), Traité de Psychiatric de l'Enfant et de l'Adolescent II. P. 468-485. Paris: PUF.

Carmo. I. ( 1994). A vida por um fio. A Anorexia Nervosa. Lisboa: Relógio d'Água.

Carmo. I. ( 1997). Magros, Gordinhos e Assim-Assim. Porto: Edinter.

Chabert, C. (1983). Le Rorschach en Clinique Adulte. Interpretacion Psychanalytique. Paris: Dunot.

Chabert, C. (1990). Entre le dedans et dehors. La contrainte au Rorschach. Adolescence, p.185-198.

Cordeiro D. (1986) Perturbação da Função Nutritiva, Manual de Psiquiatria Clínica, Lisboa: F. C. Gulbenkian.

Cordeiro D. (1988). Adolescentes por dentro. Lisboa: Ed. Salamandra.

Dias, C. A. (1988). Para uma psicanálise da relação. Porto: Ed. Afrontamento.

Freud, S. (1924). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. (Trad. da 6ª Edição). Lisboa: Ed. Livros do Brasil.

Hinshelwood, R. D. (1992). Dicionário de pensamento Kleiniano. Brasil: artes médicas.

Hornbackaer, M. (1999). O outro lado do espelho. Lisboa: Gradiva Editora.

Houzel, D. (1991). Identification introjective, réparation, formation du symbole. Journal de la Psychanalyse de l'enfant. 11: p. 46-72.

Jeammet, N. (1989). O ódio necessário. Lisboa: Editorial Estampa.

Jeammet, P. (1984). L'Anorexie Mentale, Encyclopédie Médico-chirurgical. Paris, vol.3. Ed. Techniques, 37350 A10 et A15, p. 1-14.

Jeammet, P. (1991) Les enjeux des identification à l'adolescence.  
Journal de la Psychanalyse de l'enfant. 10: p.141-163.

Jeammet, P. (1994) Les vicissitudes du travail de separation à l'adolescence. Neuropsychiatrie de l'enfance. 42 (8-9): p. 395-402.

Kestenberg, E; Kestenberg, J. e Decobert, S. (1972). La Faim et le Corps. Paris: Ed. PUF.

Laplanche, J. e Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise. Lisboa: Editorial Presença.

Laufer, M.; Laufer, e. (1984). Adolescence and Developmental Breakdown, Yale University Press.

Luban-Plazza, B.; Poldinger, W. (1979). Terapêutica dos Doentes Psicossomáticos. Lisboa: Roche .

Marcelli, D. & Braconnier, A. (1984). L'Anorexie Mentale in Psychopathologie de l'Adolescent, 2<sup>a</sup>. Paris: Masson, p.131-142.

Marques, M. E. (1991). As manifestações dos mecanismos adaptativos/defensivos nos Rorschach adolescentes. Análise Psicológica, IX

(2): p. 203-209.

Marques, M. E. (1993). L'expression féminine et masculine de l'adolescence à travers du Rorschach: le travail de transformation et construction à l'adolescence. Bull. Soc. Rorsch. Meth. Project, 37, p.41-55.

Marques, M. E. (1994). Do desejo do Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a Caracterização da Situação Projectiva. Análise Psicológica, 4 (XII), p.431-439.

Marques, M. E. (1994). A metodologia projectiva e a avaliação psicológica na(s) adolescência(s): o(s) sentido(s) do sentido(s). Análise Psicológica, XII (4): p.473-479.

Marques, M. E. (1996). Comunicação, Interpretação e Simbolização no/para o Rorschach. Análise Psicológica, XIV (1), p.39-44.

Matos .A.C. (1978). A Identificação. Jornal do Médico, XCVII (1806), p.867-868.

Matos, A. C. (1981). O Normal e o Patológico na Adolescência. Revista Portuguesa de Pediatria, 12,p.73-77.

Matos, A. C. (1981). Sobre a Identificação. Jornal do Médico, nº 1546.

Sá, E. (1995). Más maneiras de sermos bons pais. Lisboa: Editora Fim de Século.

Sanglade, A. (1972). Image du Corps et Image de Soi au Rorschach. Psychologie Française, p. 104-111.

Sena, J. (1936/41). Postscriptum. (vol.I e II). Lisboa: Ed. Casa da Moeda.

Traubenberg, N. R. (1973). La Pratique du Rorschach, Paris: Ed. P.U.F..

Traubenberg, N. R. (1983). A actividade perceptiva e a actividade fantasmática no Teste Rorschach. O Rorschach: espaço de interacções. Análise Psicológica, IV (1), p. 17-22.

Traubenberg, N. R. et al. (1993). Le Rorschach a l'adolescence: La clinique du normal. Bull. Soc. Rorsch. Meth. Project., 37, p.7-39.

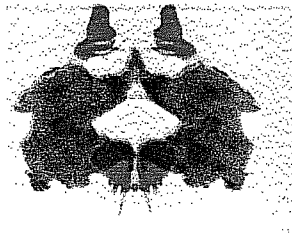
# ANEXOS

# OS CARTÕES DO RORSCHACH

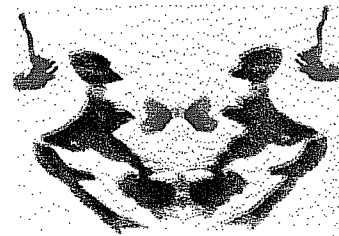
CARTÃO I



CARTÃO II



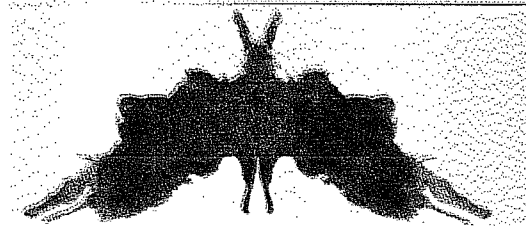
CARTÃO III



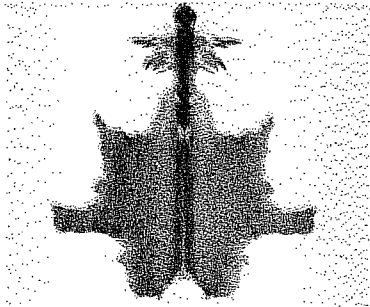
CARTÃO IV



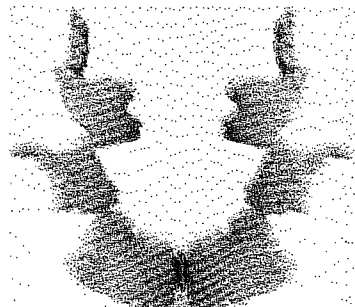
CARTÃO V



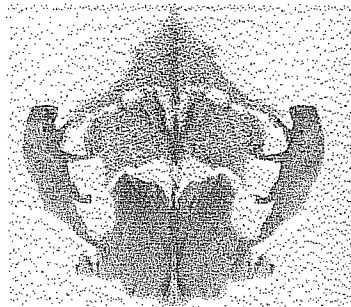
CARTÃO VI



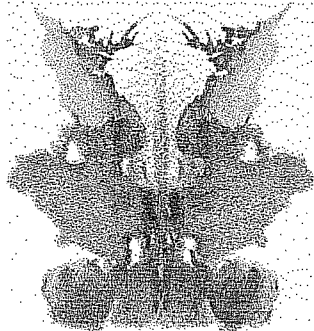
CARTÃO VII



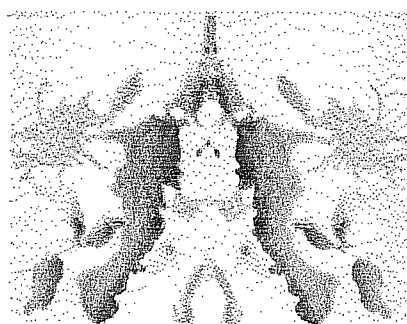
CARTÃO VIII



CARTÃO IX



CARTÃO X



# PROTOCOLO : IPA

## CARTÃO I

6"

- |   | <u>Inquérito</u>                      | <u>Cotação</u> |
|---|---------------------------------------|----------------|
| 1. Uma aranha!                                      | Em G. É estranho...                   | G F+ A         |
| 2. Ou uma borboleta, não sei?...                    | Pela forma                            | G F+ A Ban     |
| 3. É um bocado complicado, isto parece-me um bicho. | Em G. É o efeito geral.               | G F+/- A       |
| 4. Será que não é uma pessoa?...                    | Parece assim pelo conjunto, tem mãos. | G F+/- H       |
| 5. É mais provável ser um animal. É isso.           | É, é um animal.                       | G F+/- A       |

## CARTÃO II

3"

- |   |   |             |
|---|---|-------------|
| 6. Ai Deus! O que é isto?!... (ri-se)<br>(...)<br>(Isto é complicado! Acho que veio Ter com a pessoa errada para isto...) |   | Choque Clob |
| 7. Um beco sem fundo, não sei, é que não deve ter nada a ver...   | Um beco sem saída na parte central em cima.         | D F- Vago   |
| 8. Estas coisas vermelhas devem querer dizer qualquer coisa, não sei, eu é que não chego lá...                            | Não sei! Devem querer demonstrar qualquer coisa!... | D F- Obj    |

### CARTÃO III

10"

- |  |   |            |
|--|---|------------|
| 9. Duas pessoas a pegar... sei lá...E estas coisas vermelhas?... | Essas coisas vermelhas aparecem sempre! | G F+ H Ban |
| 10. Duas pessoas a quererem a mesma coisa.                       | Querem isso ao meio da mancha.          | G K H      |
| 11. Duas pessoas a disfrutarem a mesma coisa.                    |   | G K H      |

### CARTÃO IV

3"

- |  |                  |             |
|--|------------------|-------------|
| Eia! O que é isto?<br>Não faço ideia!...             |                  | Choque Clob |
| 12. Parece-me um monstro!                            | Em G.            | G F+ (A)    |
| 13. Parece aqueles desenhos animados do Dragon Ball. |                  | G F+/- (A)  |
| 14. Parece umas pernas dum monstro.                  | Ds laterais.     | Dd F+/- (A) |
| 15. Parece-me um dragão, não sei?!...                | É tudo, não sei. | G F+/- (A)  |

## CARTÃO V

11"

- |   |  |            |
|---|--|------------|
| 16. Uma joaninha!   | Pela forma.  | G F+ A     |
| 17. ...Como é que se chama?...borboleta, mas há outro, não me lembro... | É que não me parece bem uma borboleta!...Não sei?! | G F+ A Ban |

## CARTÃO VI

2"

O que é isto?...

- |                                     |                                 |             |
|-------------------------------------|---------------------------------|-------------|
| 18. Um símbolo...                   | É o desenho. Lembra um símbolo. | G F+/- Obj  |
| 19. Uma estátua, isto é complicado! | Não tenho jeito para isto!!     | G F+/- Arte |

## CARTÃO VII

3"

- |   |   |             |
|---|---|-------------|
| 20. Isto parecem dois anjos...unidos.   | Já uma poucas têm isto (D central).     | G F+/- (H)  |
| 21. Uma barreira. Se calhar em vez de estarem ligados há qualquer coisa que impede... | Sim, é isso, uma barreira aqui ao meio. | Dd F+/- Obj |

## CARTÃO VIII

2' > v ^ (...)

- |  |  |          |
|--|--|----------|
| 22. Dois seres tão revoltados!             | Digo 2 seres porque acho que são 2 animais. Transmitem rancor! | D F+ K A |
| 23. São dois muros que estão a... separar. | D rosa, central.   | D F- Obj |

## CARTÃO IX

2"

Eh lá!!...

24. Isto significa qualquer coisa que separa: Barreira.

D central. Isto é sempre o que aparece.

D F- Obj

25. Não faça ideia, isto é zero, não representa nada...

Choque Clob

26. Se isto for uma barreira, isto aqui são 2 portas, uma coisa aberta, que há esperança...

A parte central e as duas laterais. Pode ser 1 caminho, uma porta aberta.

G F- Obj

(Tenho de inventar senão não sei).

## CARTÃO X

4"

Que é isto?!... (...)

27. Primeiro que nada, animais...

Ds azuis laterais

D F+ A

28. Um objectivo, e isto é o caminho que temos de fazer até chegarmos aquilo que queremos.

D parte de dentro do rosa - inclusive.

D F- Nat

29. Também pode ser uma tesoura

Dd verde

Dd F+ Obj

30. E duas pessoas estão ligadas e então há qualquer coisa que corta a ligação entre ela.

Aqui estão ligadas pelo azul e a seguir já não estão.

D F- H

31. Duas pessoas que querem alcançar a mesma coisa.

Em G.  
Um objectivo que querem alcançar.

G F- H

# PROTOCOLO:

# ITA

## CARTÃO I

2"

1. É uma borboleta.
2. Pode também ser uma máscara.
3. V Ou um avião...
4. E um diabinho!

### Inquérito

- Pela forma.
- A forma, o efeito do conjunto todo com os burados brancos.
- A forma das asas.
- Corninhos em cima e os brancos vazios.

### Cotação

G F+ A Ban

G bl F+ Obj

G F+/- Obj

D bl F+ (H)

## CARTÃO II

3"

5. A cara de uma pessoa.
6. V Um insecto!...

Os olhos e nariz o branco e a língua é encarnada.

As patas o encarnado inferior. O superior é a cabeça e corninhos.

G bl F+ Hd

G F+ A

## CARTÃO III

4"

7. Parecem duas pessoas a dançar com um laço ao meio!
8. V Extraterrestres dos filmes!
9. V Um pinguim preto...

A forma e a cor. O encarnado dá ideia de festa, diversão.

Cinzento central são olhos e cabeça e de lado os braços. O corpo ao meio.

Sem os braços de lado e tem um laço.

G K H Ban

G K (H)

D bl F+ A

## CARTÃO IV

7"

- |   |  |            |
|---|--|------------|
| 10. É uma árvore...                     | O tronco-D inf. E o resto é tudo a árvore. | G F+/- Bot |
| 11. V Um animal com asas.               | Asas como uma águia, meio dobradas.        | G F+/- A   |
| 12. Duas botas reflexo uma da outra.    | Pela forma.                                | Do F+ Obj  |
| 13. Um macaco com os pés muito grandes. | Pela forma, a figura toda.                 | G F+ A     |

## CARTÃO V

10"

- |                                       |  |            |
|---------------------------------------|--|------------|
| 14. > Uma libelinha!                  | Pela forma.                              | G F+ A     |
| 15. > Ou borboleta.                   | Pela forma.                              | G F+ A Ban |
| 16. > O reflexo de um animal na água. | Metade animal, a outra metade é reflexo. | G F+ A     |
| 17. Uma andorinha.                    | Pela forma.                              | G F+ A     |

## CARTÃO VI

7"

- |                   |  |                  |
|-------------------|--|------------------|
| 18. > Um barco!   | Do outro lado é o reflexo, pela forma. | G F- Obj         |
| 19. Pele de urso. | Pela forma e os contrastes.            | G FE text. A Ban |

## CARTÃO VII

10"

- |   |   |             |
|---|---|-------------|
| 20. Duas caras de frente em reflexo.  | D sup., pela forma.   | D F+ Hd     |
| 21. √ Caminho com muitas árvores à volta.   | Pela forma e cor, o branco também está incluído.                    | G bl FE Nat |
| 22. > Uma mulher a ver-se ao espelho.   | O branco é o espelho  | G bl K H    |
| 23. Homem sentado, com um grande rabo de cavalo, um grande nariz e do outro lado é o reflexo. | Rabo de cavalo-cinz.sup. A cara é o cinz.médio(reflexo um do outro) | D K H       |

## CARTÃO VIII

6"

Oh, Tem cores!

- |                            |   |            |
|----------------------------|---|------------|
| 24. > Um tigre nas rochas. | Do outro lado é o reflexo.                      | G F+ A Ban |
| 25. > Um barco com velas!  | Do outro lado é o reflexo na água, figura toda. | G F- Obj   |

## CARTÃO IX

22"

- |                                     |                                   |              |
|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------|
| 26. Dois camarões!                  | Laranj.sup pela cor e pela forma. | D CF A       |
| 27. λ>λ Dois olhos e dentes.        | Os brancos no verde.              | D bl F+/- Hd |
| 28. Gruta dos piratas com caveiras. | Partes centrais brancas.          | Dbl C'F Nat  |

## CARTÃO X

7"

- |   |  |              |
|---|--|--------------|
| 29. Uma cara com bigodes...dos antigos. | Em G. Com o bigode verde.  | G F+ Hd      |
| 30. Duas pessoas de mãos dadas.         | O rosa. O azul é as mãos dadas                                       | Dd F- H      |
| 31. Tesoura de podar árvores.           | Rosa e cinz.sup. O azul é o elástico que prende.                     | D F+ Obj     |
| 32. V Cara com sobrancelhas.            | Em G. As sobrancelhas são o verde.                                   | G F+ Hd      |
| 33. > Fogo de artifício!                | Cinz.sup.é a terra. O resto é o reflexo e o fogo,pela cor e a forma. | G Kob C Elem |
| 34. > Um homem a saltar de páraquedas!  | No amarelo e castanho, o outro é o reflexo.                          | Dd Kp H      |

## PROCOLO DA IPA :

R = 31

### Prova das escolhas:

Escolha + = VIII e X São mais bonitos, mais alegres.

Escolha - = IV e VI Não gostei nada!

## PROCOLO DA ITA :

R = 34

### Prova das escolhas :

Escolha + = V Transmite-me paz o reflexo na água.

X Porque é alegre, lembra felicidade, alegria.

Escolha - = III Parece um monstro que está na nossa carne.

VIII Não gosto, a parte superior lembra algo de mal,

incorrecto, como se tivesse feito alguma coisa má.